

MUSEU DE SANTA MARIA DE LAMAS
Plano de Conservação Preventiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
I – CARACTERIZAÇÃO	4
1. CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO	4
1.1. <i>Localização e área envolvente</i>	4
1.2. <i>Clima</i>	4
1.3. <i>Implantação no terreno e envolvente</i>	5
1.4. <i>Edifício e seu estado de conservação</i>	5
1.5. <i>Adequação do edifício às colecções</i>	14
2. CARACTERIZAÇÃO DO ACERVO	15
2.1. <i>Colecções</i>	15
2.2. <i>Estado de conservação</i>	19
2.3. <i>Localização das colecções</i>	23
3. CARACTERIZAÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS	25
4. CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS	27
4.1. <i>Áreas expositivas</i>	27
4.2. <i>Áreas de Reserva</i>	46
5. CIRCULAÇÃO DE BENS CULTURAIS	47
6. PÚBLICO	48
II – AVALIAÇÃO DE RISCOS	51
1. EDIFÍCIO	51
2. ÁREAS	52
3. ACERVO	54
4. FACTOR HUMANO	55
III – NORMAS E PROCEDIMENTOS	57
1. SEGURANÇA	57
a) <i>Vigilante</i>	57
b) <i>Rececionista</i>	57
c) <i>Telefones</i>	58
d) <i>Chaveiros</i>	58
e) <i>Movimento de pessoas – controlo de acessos</i>	59
f) <i>Visitantes</i>	59
2. MONITORIZAÇÃO E CONTROLO AMBIENTAL E BIOLÓGICO	60

2.1. Luz	60
2.2. Humidade Relativa e Temperatura	64
2.3. Poluentes	66
2.4. Controlo biológico	67
3. MANUTENÇÃO DO EQUIPAMENTO	68
4. MATERIAIS, EQUIPAMENTOS, SISTEMAS DE EXPOSIÇÃO E RESERVA E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS	68
4.1. Exposição	69
4.2. Reservas	70
5. LIMPEZA DE ESPAÇOS, EQUIPAMENTO E ACERVO	71
5.1. Espaços e equipamento	71
5.2. Acervo	72
6. CIRCULAÇÃO DE BENS CULTURAIS	73
6.1. Manuseamento	73
6.2. Circulação interna	74
6.3. Circulação externa	75
7. FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS	76
8. PÚBLICO	77
IV - CONCLUSÃO	79

Introdução

O Plano de Conservação Preventiva tem como objectivo estabelecer linhas orientadoras para a Conservação Preventiva do espólio do Museu de Santa Maria de Lamas, partindo para isso da análise detalhada das suas condições actuais. Assim sendo, o presente Plano encontra-se dividido em três partes fundamentais, correspondentes 1) à caracterização da realidade actual do Museu em todos os seus aspectos, 2) à avaliação dos potenciais riscos e carências existentes no Museu, e finalmente 3) ao estabelecimento de um conjunto de normas e procedimentos que visam prevenir, combater ou minimizar os referidos problemas.

Este Plano procura adaptar-se o mais possível ao caso específico do Museu de Santa Maria de Lamas, relegando para segundo plano, por vezes, certos procedimentos conservativos exigidos em muitos Museus mas que não se adaptam a esta realidade particular. Procura-se nestas situações propor formas alternativas para a resolução dos problemas, tendo sempre em conta a real capacidade de resposta do Museu mediante os meios que possui actualmente.

Por vezes, são apresentadas neste documento recomendações a ser realizadas a longo prazo, considerando que, sem prejuízo da importância das mesmas, o Museu não possui actualmente meios de as implementar.

Trata-se por isso de um documento que deverá ser actualizado periodicamente, adaptando-se às consecutivas mudanças da realidade museológica do MSML.

I – Caracterização

1. Caracterização do edifício

1.1. Localização e área envolvente

O Museu de Santa Maria de Lamas, popularmente conhecido por “Museu da Cortiça”, situa-se na Freguesia de Santa Maria de Lamas, Concelho de Santa Maria da Feira e Distrito de Aveiro. Localiza-se a 40°58’ N de latitude e a 8°34’ O de longitude, a 112m acima do nível do mar. ¹

A morada é a seguinte:

Parque de Santa Maria de Lamas, Apartado 22, 4536-904 Santa Maria de Lamas.

O edifício encontra-se ao fundo do Parque de Santa Maria de Lamas, anexo ao Colégio Liceal. A entrada principal está localizada no extremo Leste da fachada principal do edifício, virada a Norte. O Museu apresenta ainda outras entradas, mas actualmente não se encontram abertas ao público. A entrada na fachada Oeste é utilizada esporadicamente por funcionários do Museu como entrada de serviço.

O estacionamento de veículos pode ser feito facilmente nas proximidades do Museu.

1.2. Clima

NOTA: Informações obtidas no site do observatório meteorológico nacional², relativas à região do Porto (Observatório da Serra do Pilar).³

a) Precipitação

A precipitação anual atinge o máximo em Dezembro (até 176mm) e é mínima em Julho (até 16mm).

b) Temperatura

Os valores mais elevados de temperatura do ar verificam-se nos meses de Verão (Junho, Julho e Agosto): a temperatura média de Verão varia entre 14º e 25ºC, sendo o valor máximo observado 39ºC. Os valores mínimos da temperatura observam-se no

¹ Ver Anexo 1 – Localização Geográfica.

² Instituto de Meteorologia, IP – Portugal: <http://www.meteo.pt>

³ Ver Anexo 2 – Clima da região.

Inverno (Dezembro e Janeiro): a temperatura média de Inverno varia entre 5,1º e 13,5ºC, sendo o valor mínimo registado -4ºC.

c) Humidade Relativa

Os valores de humidade relativa nesta região aproximam-se dos 64,1% em Agosto e vão até aos 88,6% em Março. Os valores mais elevados verificam-se de Setembro a Março (77% a 88,6%); nos restantes meses a HR varia de 64% a 75%.

d) Rumos de Vento

Em média anual, são mais frequentes os ventos de Leste (24%) à velocidade média de 16Km/h, os de Noroeste (20%) a uma média de 24Km/h, e os de Oeste (17%) a uma média de 17Km/h.

1.3. Implantação no terreno e envolvente

O edifício que acolhe o MSML apresenta um carácter muito próprio decorrente da sua época de construção, nos meados da década de 1950, com destacadas marcas arquitectónicas de carácter muito particularizado. Destaca-se a característica arcada na fachada principal, à maneira de alpendre.

A ligação ao Parque num prolongamento externo do Museu potencia o seu uso lúdico, ao qual não é também alheia a proximidade física do Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas, dotado de equipamentos de apoio como sejam um grande anfiteatro, criando ainda um potencial espaço para o alargamento do espaço museológico.

1.4. Edifício e seu estado de conservação

O Museu foi fundado na década de 1950 por Henrique Alves de Amorim (1902-1977), num edifício construído para o efeito. Em 5 de Março de 1959, o fundador doou o Museu à Casa do Povo de Santa Maria de Lamas, actual entidade tutelar. Desde Janeiro de 2004 tem sido posto em prática um projecto de renovação museográfica que inclui, conseqüentemente, o restauro das áreas degradadas do edifício e sua adaptação às exigências conservativas do espólio.

O edifício é constituído por dois pisos, apresentando uma área total de 3907m², dos quais 3087m² cobertos e 820m² descobertos. As coberturas são em telha portuguesa, excepto sobre a Sala 9 (Sala da Cortiça), em fibra de Polivinil Cloreto (PVC) com

armação em ferro galvanizado (amarração em tesoura). O piso superior do Museu (piso térreo) apresenta cerca de 30 divisões⁴, e o piso inferior cerca de 9.

O Museu apresenta as seguintes aberturas para o exterior:

- 11 portas, das quais: 5 apresentam grade exterior em ferro e 5 dão acesso ao recinto do Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas.
- 108 janelas com caixilharia em madeira, das quais 20 têm grade exterior em ferro (correspondentes à área expositiva voltada a Norte e Oeste⁵).
- Uma cobertura em fibra de Polivinil Cloreto (PVC) com armação em ferro galvanizado (amarração em tesoura).

As muitas aberturas referidas implicam a entrada de luz natural no Museu. Para minimizar este problema foram colocadas cortinas de pano cru em todas as aberturas que interferiam com o espaço expositivo.

A entrada principal do Museu localiza-se no extremo leste da fachada principal (norte), dando acesso à Recepção. O espaço exterior do Museu está delimitado por uma pequena cerca de pedra, mas na prática esta não representa uma barreira física que separe o Museu do Parque em que está inserido.

1.4.1. COMPORTAMENTO E RESPOSTA TÉRMICA

Relativamente aos equipamentos de controlo ambiental, o Museu possui apenas três desumidificadores. A longo prazo será necessário adquirir outros tipos de equipamentos, nomeadamente para controlo da temperatura.

O Museu possui actualmente os seguintes equipamentos de medição ambiental: dois termohigrógrafos e um psicrómetro. Está prevista a aquisição, assim que possível de mais termohigrógrafos.

Dadas as dimensões do espaço museológico, os equipamentos actualmente existentes são insuficientes para uma monitorização eficaz dos valores termohigrométricos em todo o Museu. No entanto, colocou-se um termohigrógrafo em cada piso, em locais significativos dos valores médios do Museu. Para colmatar esta carência técnica, o psicrómetro é usado uma vez por mês em todas as salas de exposição, inclusivé nas que se encontram encerradas ao público.

⁴ Referimo-nos à divisão física do espaço, isto é, divisões reconhecíveis em planta, e não à divisão conceptual feita para fins expositivos.

⁵ Todas as janelas das fachadas sul e leste dão para o recinto do Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas, pelo que o conceito de “exterior” é aqui relativo.

Os referidos equipamentos foram apenas adquiridos em Junho de 2008, pelo que não possuímos ainda registos completos das variações anuais. No entanto, temos já alguns valores significativos: no Verão a temperatura oscila entre os 18 e os 24°C (18-22°C em Agosto e 16-20°C em Setembro), e a Humidade Relativa entre 50 e 70%; em Outubro verificou-se a descida da temperatura para valores entre os 10 e os 14°C, com Humidade Relativa entre 50 e 70%. As medições com psicrómetro revelam alguma homogeneidade entre os valores das diversas salas do Museu na mesma altura. As Salas 6 e 8 (contíguas à Sala da Cortiça) apresentam valores de temperatura superiores às restantes; os valores mais baixos de Humidade Relativa verificam-se na Recepção (porta permanentemente aberta), nas Salas 6 e 8 (proximidade da Sala da Cortiça) e nas Salas 7 e 11 (presença de um desumidificador nesta última).

A tudo isto é excepção a Sala 9 (Sala da Cortiça), que dadas as suas características arquitectónicas (cobertura em fibra de Polivinil Cloreto - PVC) apresenta condições atmosféricas totalmente distintas das restantes salas. Como ainda não foi possível colocar um aparelho de medição nesta sala, podemos apenas referir os valores de Inverno obtidos com o psicrómetro – temperatura média de 14°C e Humidade Relativa entre os 57 e os 60% -, e afirmar que no Verão a sala atinge temperaturas muito elevadas. Não temos quaisquer dúvidas quando afirmamos que, presentemente, a Sala da Cortiça apresenta os valores mais elevados de temperatura e os valores mínimos de humidade relativa de todo o espaço expositivo. Existe já um projecto de requalificação desta sala, o qual inclui a resolução deste problema.

1.4.2. ESTADO GERAL DE CONSERVAÇÃO

A falta de conservação e manutenção do edifício durante tempo prolongado teve como consequência a degradação do mesmo, dando origem a inúmeros problemas de conservação. Desde 2004 o edifício tem sido alvo de intervenção, encontrando-se actualmente resolvidos os seguintes problemas:

a) Impediu-se a continuação das infiltrações de águas pluviais (excepto na Sala da Cortiça, devido às características arquitectónicas específicas);

b) Foi feita uma desinfestação contra o ataque de insectos xilófagos, tanto ao nível do edifício como das próprias peças (esta acção tem carácter temporário e exige controlo e renovação regular do tratamento);

c) A luz natural proveniente das numerosas portas e janelas foi minimizada através da colocação de cortinas de pano cru (com excepção das Salas 10 e 12 do

piso inferior, ainda não intervencionadas); nas janelas das Salas 7 e 11 foram colocados vidros com filtro UV e IV;

d) O pavimento das Salas 1, 2 e 3 foi tratado e envernizado, enquanto o das Salas 7, 8 e 11 foi substituído e impermeabilizado;

e) A nível da segurança, o Museu já se encontra equipado com extintores e sistemas de detecção de incêndio (estes últimos em todas as salas de exposição)⁶ ;

f) Os tectos da Sala 5, irremediavelmente afectados pelas infiltrações de humidade e águas pluviais, estão actualmente a ser substituídos por réplicas;

g) As Salas 1 a 6 e 16 foram completamente limpas e revistas a nível das condições expositivas básicas;

h) As Salas 7, 8 e 11 (Etnografia, Ciências Naturais e Estatuária), localizadas no piso inferior, foram abertas ao público em Maio de 2008 após uma intervenção profunda. Estes espaços estão já inteiramente recuperados, com pavimentos novos, tecto e paredes recuperadas e novos equipamentos museológicos. As respectivas exposições também foram reorganizadas.

Dado que a intervenção museológica não se encontra ainda terminada, restam ainda por resolver, relativamente ao estado de conservação geral do edifício, os seguintes problemas:

a) Subsiste a infiltração de águas pluviais na Sala da Cortiça;

b) Verificam-se oscilações acentuadas de temperatura e humidade relativa, sem qualquer tipo de controlo;

c) O Museu apresenta difíceis condições de isolamento (em relação ao exterior e entre as diversas salas);

d) Falta de Segurança: carência de meios de vigilância e protecção contra roubo e vandalismo, assim como de seguros; para além das salas de exposição, apenas duas salas da área restrita do Museu apresentam extintores, sendo que nenhuma possui sistemas de detecção de incêndio. Apesar disto, o MSML já possui um plano de Segurança que visa implementar equipamentos de videovigilância e alarmes contra intrusos em todo o seu espaço, esperando apenas que se encontre em situação financeira que permita a sua aplicação.

⁶ As características dos extintores variam consoante o conteúdo de cada sala. Para informações detalhadas e localização dos equipamentos ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

e) Os tectos decorados com tecidos e pintura, gravemente afectados pelas infiltrações de humidade e águas pluviais, precisam de ser recuperados e em alguns casos substituídos (processo actualmente em curso na Sala 5);

f) É necessário reformular o sistema de iluminação, no que respeita ao tipo de lâmpadas e seu posicionamento; há dificuldades no controle eficaz da luz natural.

g) Restam ainda por recuperar as Salas 9, 10, 12, 13, 14 e 15.

1.4.3. CARACTERIZAÇÃO DOS DIFERENTES ESPAÇOS E SEU ESTADO DE CONSERVAÇÃO

a) Piso Superior – espaços públicos⁷

Os espaços de acesso público existentes no piso superior do Museu são a Recepção e as Salas 1 a 6 da Exposição Permanente.

RECEPÇÃO

O espaço da recepção encontra-se em bom estado de conservação. A recepção, embora não esteja incluída no percurso expositivo, está enquadrada no mesmo pela sua temática decorativa. O espaço, com uma área total de cerca de 26 m², é utilizado para acolhimento dos visitantes, bilheteira e venda de artigos do Museu. Esporadicamente, a recepção é também utilizada para a apresentação de pequenas exposições temporárias sem relação com a colecção (por exemplo, concursos organizados pelo Museu).

A entrada para a recepção corresponde à entrada principal do Museu, pelo que este espaço apresenta uma porta e duas janelas para o exterior. Não existe controle ambiental na recepção, sendo aqui a dificuldade de implementação do mesmo dificultada pela constante abertura da porta de entrada. A recepção dá acesso directo à Sala 1 da exposição permanente, sem porta de separação.

ÁREA DE EXPOSIÇÃO PERMANENTE

A área de exposição permanente do MSML correspondente ao piso superior subdivide-se em seis salas de forma e dimensões variáveis⁸. O estado geral de conservação destes espaços, que já foram intervencionados, é razoável. Os principais problemas conservativos deste espaço expositivo são a falta de controle termohigrométrico – grandes variações sazonais – e a iluminação inapropriada. No

⁷ Ver Anexo 4 – Caracterização dos espaços.

⁸ Ver I. 4.1. do presente documento.

que respeita a esta última, o MSML tenciona proceder à completa renovação do sistema de iluminação, atendendo simultaneamente às questões conservativas e expositivas. Há porém uma grande dificuldade em controlar a luz natural no piso superior, visto existirem vãos de janelas e portas com vidro em quase todas as salas. Actualmente prosseguem ainda as intervenções no que respeita à substituição dos tectos da Sala 5, irremediavelmente deteriorados por antigas infiltrações.

No que respeita à segurança do espaço, actualmente existem apenas extintores, distribuídos por diversas salas, e sistema de detecção de incêndio em todas as salas⁹. As áreas expositivas do piso superior ainda não se encontram dotadas de sinalização adequada, sendo necessário assim que possível colocar indicações de percurso. Não há saídas de emergência, mas não será difícil criá-las visto existirem diversas portas para o exterior ao longo do percurso expositivo. Neste momento, a entrada principal funciona simultaneamente como saída, encontrando-se todas as outras saídas vedadas ao público¹⁰.

O MSML ainda não possui um sistema de videovigilância nem alarmes de intrusão, mas a sua implementação encontra-se já planeada para um futuro próximo. Como segurança suplementar, todas as portas e janelas que dão para o exterior possuem um gradeamento externo.

Um dos problemas mais complexos do piso superior é a existência de escadas em diversos pontos do percurso expositivo, algumas das quais não são passíveis de ser eliminadas. Tal representa um problema no que respeita às acessibilidades¹¹.

OUTROS ESPAÇOS

As salas dos Serviços Educativos situam-se na zona de serviço do Museu (piso superior, do lado oeste), sendo apenas abertas ao público no decorrer de actividades específicas. O público que normalmente visita o Museu não tem acesso a estes espaços. O público que frequenta as actividades dos serviços educativos entra no Museu pela entrada principal, percorrendo o espaço museológico para se dirigir às referidas salas. No caso de utentes com dificuldades motoras, é utilizada excepcionalmente a porta oeste como entrada.

⁹ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

¹⁰ Não obstante, em caso de emergência é ainda possível evacuar o público pela porta da fachada oeste ou pelas portas de acesso ao Colégio Liceal, do lado sul do edifício.

¹¹ Ver I. 4.1. do presente documento.

O Museu não possui ainda casas de banho, servindo-se os visitantes das casas de banho públicas no exterior, perto da entrada principal. Excepcionalmente, no caso das actividades dos Serviços Educativos, permite-se a utilização das casas de banho do Colégio Liceal pela proximidade ao local das actividades¹². Está prevista para 2009 a instalação de casas de banho próprias do Museu, próximo da zona dos Serviços Educativos.

b) Piso Superior – Espaços restritos¹³

As salas existentes na ala sul do Museu, em torno da Sala da Cortiça, são utilizadas como gabinetes de trabalho e oficinas para diversas necessidades. Entre estas salas contam-se, do lado Oeste, os Gabinetes Técnicos, uma oficina para trabalhos de pintura (ou outros) e três salas para as actividades dos Serviços Educativos. Para além destas existem mais duas salas para arrumos diversos e duas salas para armazenamento de peças em reserva. Do lado leste da Sala 6 existem mais 10 salas, sendo uma reservada para os produtos de limpeza e as restantes utilizadas para arrumos diversos e peças em reserva. Encontra-se inserida no Plano de Intervenção da Sala da Cortiça a recuperação de toda esta ala, pelo que se pretende reorganizar o espaço e criar novas funções para estas salas¹⁴. Entre as ideias projectadas incluem-se a criação de reservas adequadas e uma sala para intervenções de Conservação e Restauro.

O MSML não possui ainda espaços museologicamente apropriados para as reservas, sendo que os espaços actualmente utilizados para o efeito não apresentam qualquer controle termohigrométrico ou lumínico.

Visto o Museu não apresentar ainda casas de banho (está prevista a sua implementação em 2009), os funcionários recorrem às casas de banho do Colégio Liceal, situadas próximo da zona dos gabinetes e salas de apoio.

¹² Implica o aval antecipado da Direcção do Colégio.

¹³ Ver Anexo 4 – Caracterização dos espaços.

¹⁴ Ver Anexo 7 – *Projecto de Intervenção na Sala da Cortiça e área adjacente.*

c) Piso Inferior - Espaços públicos

A área de exposição permanente do MSML correspondente ao piso inferior subdivide-se em nove salas de forma e dimensões variáveis¹⁵ – Salas 7 a 16. O estado geral de conservação destes espaços é bom nas áreas já intervencionadas (salas 7, 8 e 11) e razoável na Sala 16, mas muito mau nas restantes (que por esse motivo se encontram encerradas ao público).

Nas Salas 7, 8 e 11, já inteiramente recuperadas, os principais problemas conservativos são actualmente a falta de equipamentos de controlo ambiental (existe apenas um desumidificador na Sala 11) e a ausência de equipamentos de segurança (sobretudo câmaras de videovigilância). As janelas existentes nestas salas apresentam já vidros com filtro UV e IV. Foi também implementado um sistema de rampas para resolver o problema das acessibilidades relativamente aos desníveis existentes. Estes novos espaços já estão equipados com sinalética e iluminação de emergência. As três salas apresentam sistema de detecção de incêndio (barreiras) e existem extintores nas Salas 7 e 8¹⁶.

Nas restantes salas do piso inferior verificam-se problemas de falta de controle termohigrométrico – grandes variações sazonais – e iluminação inapropriada. Há uma grande dificuldade em controlar a luz natural na Sala 16, a qual possui diversas janelas para o exterior (ao nível do piso superior). Os únicos equipamentos de segurança são 3 extintores e os sistemas de detecção de incêndio (em todas as salas). Não existe sinalização adequada de segurança ou emergência. A nível da segurança contra intrusão, existe risco potencial elevado nas Salas 10 e 12, devido ao mau estado das portas de acesso ao exterior, facilmente forçadas; este risco é alargado pela inexistência de portas de separação entre a maioria das salas de exposição.

Actualmente, o acesso ao piso inferior é feito pela Sala 5 (para as Salas 7, 8 e 11) e pela Sala 3 (para a Sala 16). Ambas as passagens apresentam escadas, pelo que actualmente não é possível a visita a este piso por pessoas com dificuldades de locomoção. A resolução deste problema está já incluída no Projecto da Sala da Cortiça, que visa a instalação de um elevador.

¹⁵ Ver I. 4.1. do presente documento.

¹⁶ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

d) Espaços exteriores

O MSML apresenta um pequeno pátio exterior, frente à fachada principal, com ligação directa para o Parque de Santa Maria de Lamas. Neste pátio encontram-se diversas esculturas em pedra e gesso pertencentes ao Museu. Os bancos públicos fazem deste espaço um local de lazer e convívio.

1.5. Adequação do edifício às colecções

Quanto a meios de controlo climático, actualmente o Museu possui apenas três desumidificadores, sendo estes claramente insuficientes para controlar a humidade relativa num espaço tão vasto. Assim, não é por enquanto possível adequar as variações termohigrométricas às diferentes tipologias das colecções. O Museu tenciona adquirir mais equipamentos de monitorização e controle ambiental logo que possível.

Dadas as características originais deste espaço peculiar, subsiste ainda o problema de conseguir, no espaço existente, seleccionar e dispor as peças em exposição de forma a que esta não fique sobrecarregada. Tal implica o armazenamento de peças em reserva, sendo que as áreas actualmente utilizadas para o efeito não apresentam ainda condições adequadas. Está já incluída no Projecto de Reabilitação da Sala da Cortiça e área adjacente a criação de espaços adequados às reservas.

2. Caracterização do acervo

O acervo do Museu engloba cerca de 1700 peças, divididas em 10 Coleções. As principais coleções do Museu são: Arte Sacra (Imaginária, Talha, Pintura, Mobiliário Litúrgico, Castiçais e Vestes Litúrgicas), Etnografia, Ciências Naturais, Estatuária, Cortiça, Cerâmica, *Iconografia do Fundador*, Mobiliário, Numismática e Medalhística, Curiosidades. De entre estas a mais relevante é a coleção de Arte Sacra, à qual o Museu dá prioridade conservativa.

Todas as coleções têm origem no espólio de Henrique Amorim, sendo as suas proveniências originais muito diversificadas e em grande parte desconhecidas. Todas as coleções foram adquiridas por Henrique Amorim, à exceção de algumas peças provenientes de doações ao Museu.

Todas as coleções do MSML se encontram arroladas, todavia o processo de inventariação está ainda em curso. Encontram-se já inventariadas/catalogadas todas as peças do piso superior (a coleção de Arte Sacra está inteiramente inventariada). O programa de inventariação utilizado é o *In Arte Plus*.

2.1. Coleções

2.1.1. ARTE SACRA

A coleção de Arte Sacra é a maior e a mais importante do MSML, sendo constituída por cerca de 575 peças das tipologias de Imaginária, Talha, Pintura, Mobiliário Litúrgico, Castiçais e Vestes Litúrgicas. A origem das peças é extremamente variada, e em muitos casos é mesmo desconhecida. Cronologicamente, esta coleção engloba peças que vão do século XV ao século XX, com particular incidência para os séculos XVII e XVIII. As peças desta coleção encontram-se já totalmente inventariadas no In Arte.

a) Imaginária

O MSML possui uma preciosa coleção de cerca de 300 imagens, das mais variadas épocas e estilos, desde as imagens góticas às barrocas, passando pela produção proveniente das oficinas de santeiros até às de produção mais erudita. Estas encontram-se essencialmente expostas no piso superior do Museu, distribuídas pelos suportes de talha em exposição.

b) Talha

No MSML a colecção de talha tem a particularidade de se assumir enquanto suporte expositivo das colecções de imaginária e pintura. A talha surge nas suas mais variadas manifestações: retábulos, nichos, sanefas, plintos, etc. Através dos vários exemplares do MSML podemos contactar com os vários estilos de talha portuguesa, sobretudo o Barroco e o Rococó.

c) Pintura

A colecção de pintura engloba obras, cronologicamente situadas entre o século XVIII e o século XX.

Embora a colecção não apresente uma grande qualidade erudita, destaca-se pela sua grande variedade temática, atingindo mesmo, por vezes, um declarado carácter popular. Os exemplares de pintura encontram-se normalmente ao nível dos tectos das várias salas ou integrados nas predelas de alguns retábulos. Inclui pintura sobre madeira e pintura sobre tela.

d) Mobiliário Litúrgico

O MSML apresenta uma colecção com cerca de 74 oratórios, cujas maquetinas nos dão a conhecer uma grande variedade de formas e de estilos. Os oratórios situam-se cronologicamente entre o século XVIII e o século XX. Completam esta colecção alguns Sacrários.

e) Castiçais

Embora não constitua uma das maiores colecções do MSML, nem apresente um conjunto de peças de grande qualidade, assume uma particular importância no contexto do MSML pelo facto de estar agrupada numa mesma sala, que por esta razão adopta o seu nome. Os castiçais constituintes desta colecção datam essencialmente dos séculos XVII e XVIII.

f) Vestes Litúrgicas

Apresenta o MSML uma rica colecção de vestes litúrgicas composta por casulas, estolas, frontais de altar ou véus de cálice na qual predomina o damasco e o adamascado. A maioria das peças data do século XX.

2.1.2. ETNOGRAFIA

Esta colecção é composta por uma grande variedade de objectos tais como utensílios de cozinha, materiais associados a ofícios como a carpintaria ou a tecelagem, modelos de embarcações tradicionais portuguesas, entre outros. De entre os objectos que integram esta colecção, destaca-se um rico conjunto de cangas. Esta colecção é extremamente importante na medida em que é exemplificativa da acção museológica das Casas do Povo durante o Estado Novo (1926-1974). Os objectos datam essencialmente do século XX.

2.1.3. CIÊNCIAS NATURAIS

Esta colecção destaca-se por concentrar um conjunto de elementos da Natureza, os “naturalia” dos Museus do século XV e XVI. Assim, minerais, fósseis, elementos marinhos, colecções de insectos, animais embalsamados e exemplares vegetalistas exóticos aparecem num espaço onde também surgem elementos artísticos, como que não havendo uma diferenciação da sua natureza.

2.1.4. ESTATUÁRIA

A colecção de estatuária abrange temáticas diversas que englobam, nomeadamente, estatuária civil, religiosa, mitológica e simbólica. As inúmeras peças que a compõem têm vindo a ser atribuídas a diversos escultores portugueses de finais do século XIX e da primeira metade do século XX, como sejam, Teixeira Lopes, Soares dos Reis, Barata Feyo, Sousa Caldas, Henrique Moreira, entre outros. Trata-se certamente de uma das maiores colecções de estatuária portuguesa do género, muito embora seja composta por estudos ou cópias em gesso. É de salientar a existência de dois bustos em terracota da autoria do escultor francês Carrier-Belleuse (1824-1887).

2.1.5. CORTIÇA

Integrando-se o Museu numa das mais prósperas regiões corticeiras do Mundo, possui uma grande colecção de diversas peças de carácter popular feitas localmente adoptando como matéria-prima a cortiça. Por esta razão, distingue-se esta colecção por ser um exemplo único da criatividade e da potencialidade desta matéria-prima na criação de objectos artísticos. As peças datam do século XX e devem-se à iniciativa do Fundador do MSML. Observa-se inúmeras tipologias de objectos feitos em cortiça, desde candelabros, figuras diversas, réplicas de monumentos (Torre de Belém), até à própria vide suspensa do tecto, que cria todo um ambiente característico. Associada a esta colecção está um conjunto de maquinaria relativa à indústria corticeira.

2.1.6. CERÂMICA

A colecção de cerâmica integra diferentes tipologias de peças (pratos, terrinas, travessas, peças soltas de serviços, malgas, peças sanitárias de época, entre outras) que abarcam a segunda metade do século XIX até aos nossos dias. Destaca-se a variedade cromática e formal das mesmas. As peças são essencialmente de origem portuguesa.

2.1.7. ICONOGRAFIA DO FUNDADOR

O culto da personalidade do Fundador do Museu - Henrique Alves de Amorim -, constantemente presente em todo o espaço museológico, através das suas iniciais “HA”, afirma-se ainda através de uma colecção de retratos, de uma imensidão de bustos e de uma colecção de medalhas onde surge retratado. Incluem-se ainda algumas peças de cerâmica que representam o Fundador em várias fases da sua vida.

2.1.8. MOBILIÁRIO

O MSML apresenta uma grande colecção de Mobiliário civil, composta por uma série de conjuntos de móveis de assento, mobiliário de quarto ou de aparato. Tendo sempre presente que a maior parte das peças constituem réplicas, de maior ou menor qualidade, não deixam por isso de ser uma boa manifestação e um excelente contacto com as tipologias e os estilos do mobiliário português.

2.1.9. NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA

Esta colecção é composta por uma grande variedade de moedas (que se encontram em depósito) e de papel-moeda procedente das mais variadas regiões do Mundo, para além de um grande conjunto de medalhas comemorativas. A colecção data essencialmente do século XX.

2.1.10. CURIOSIDADES

O MSML surge como um “Gabinete de Curiosidades”, tal como nos Séculos XV e XVI foram concebidos. Nessa época criaram-se os primeiros “museus” que reuniam num mesmo espaço objectos de arte, objectos da natureza e outros com interesse para a interpretação de uma certa visão do Mundo. Estes últimos compõem a colecção de Curiosidades do Museu, que inclui diversos objectos de origem africana, relógios, armas e bastões, instrumentos musicais, entre outras.

2.2. Estado de conservação

Devido ao facto de o MSML (edifício e colecções) não ter sido devidamente conservado durante um longo período de tempo (c. 1978-2004), as colecções em geral sofreram com a acção continuada de diversos agentes de degradação: sujidades acumuladas, elevados valores de humidade relativa, variações termohigrométricas não controladas, insectos xilófagos, acção humana indevida, etc. Perante este quadro, o estado geral de conservação das colecções é regular, deficiente ou mau¹⁷. No entanto, o Museu tem vindo a desenvolver acções de conservação e restauro das suas colecções, dando prioridade à colecção de Arte Sacra.

2.2.1. ARTE SACRA

a) *Imaginária*

As obras de Imaginária do MSML, quase todas esculturas em madeira policromada (com excepção de uma obra em pedra de Ançã, outra em terracota e algumas figuras em gesso e barro), apresentam actualmente um estado de conservação regular, deficiente ou mau. Algumas obras foram já restauradas e encontram-se estáveis, mas a maioria das restantes necessita de restauro urgente e de uma limpeza profunda. Os problemas mais graves, observados em cerca de 100 imagens, são fissuras de carácter estrutural, fragilidade devida a ataque de insectos xilófagos e destacamentos na policromia. Com menor gravidade física mas com um profundo impacto estético observa-se na generalidade das imagens o escurecimento superficial devido à aplicação de produtos inadequados. Para além disso algumas imagens apresentam também repintes, e quase todas possuem uma legenda a tinta (nem sempre correcta). Esta sub-colecção é considerada prioritária a nível de conservação e restauro, tendo já sido restauradas cerca de 30 imagens.

b) *Talha*

A colecção de Talha, maioritariamente talha dourada, encontra-se num estado de conservação regular ou deficiente. Os principais problemas são a degradação por insectos xilófagos (ataque já controlado), a sujidade geral (acumulação de pó e corpos

¹⁷ A classificação do estado de conservação encontra-se dividida da seguinte forma: Muito Bom (em perfeito estado de conservação); Bom (em bom estado de conservação mas com algumas lacunas ou problemas menores); Regular (com problemas conservativos); Deficiente (com necessidade de intervenção urgente); Mau (estado extremamente grave).

estranhos) e o escurecimento de partes da talha devida à aplicação de produtos inadequados. Em alguns locais observam-se repintes, como seja a aplicação de purpurinas. Verificam-se também, em alguns casos, a realização de uniões e complementos de lacunas em gesso, feitos aquando da montagem dos conjuntos no seu local de exposição.

c) Pintura

O estado de conservação desta colecção é regular, deficiente ou mau. Em geral as pinturas encontram-se muito escurecidas.

No caso dos tectos da sala 5, o péssimo estado de conservação deve-se à falta de manutenção do edifício durante um longo período (entrada de humidade), o que resultou na deterioração e apodrecimento destas obras pictóricas; dadas as características do suporte não é possível recuperar eficazmente estas obras, e visto o seu valor artístico e económico não justificar as dificuldades do seu restauro e manutenção, o Museu optou por as substituir por réplicas.

d) Mobiliário Litúrgico

Esta colecção encontra-se em estado de conservação regular, apesar de alguns exemplares se encontrarem em estado deficiente (apresentam lacunas e formas de deterioração diversas, nomeadamente ataque de insectos xilófagos). Os oratórios são constituídos essencialmente por uma armação de madeira trabalhada e faces de vidro, tendo no interior imagens em madeira ou gesso.

e) Castiçais

Os castiçais encontram-se num estado de conservação mau. O principal material constituinte dos castiçais é madeira, sendo quase todos em talha dourada.

f) Vestes Litúrgicas

Esta colecção, dada a fragilidade inerente aos materiais constituintes – tecidos – encontra-se em mau estado de conservação.

2.2.2. ETNOGRAFIA

A colecção de Etnografia encontra-se em estado de conservação regular ou deficiente. Os materiais que compõe os diferentes objectos vão desde a madeira ao ferro, cobre, vidro, plástico, etc. Os modelos de embarcações apresentam diversas lacunas,

algumas sujidades difíceis de remover e peças fragmentadas. Os objectos metálicos revelam, nomeadamente, oxidação acentuada e deformações.

2.2.3. CIÊNCIAS NATURAIS

A colecção de Ciências Naturais encontra-se em estado de conservação regular, embora alguns dos seus elementos estejam em mau estado. A colecção de borboletas (lepidópteros) é um dos casos de degradação mais acentuada. Os rótulos identificativos das cascas de árvores africanas estão em grande parte apagados, o que retira sentido à colecção em si; alguns dos respectivos frascos estão partidos.

2.2.4. ESTATUÁRIA

A colecção de estatuária, composta essencialmente por obras em gesso, encontra-se em estado de conservação regular ou deficiente. Os principais problemas são fracturas, destacamentos, repintes e acumulação de sujidades. Para além disso, subsiste ainda o problema da identificação iconográfica da maior parte das obras.

2.2.5. CORTIÇA

O mau estado de conservação geral desta colecção deve-se não só à falta prolongada de cuidados apropriados de manutenção, mas também à própria fragilidade do material. Para este panorama contribui também, no caso da Sala da Cortiça, a própria estrutura da sala, que simulando uma espécie de estufa cria um ambiente termohigrométrico pouco apropriado à conservação da cortiça.

2.2.6. CERÂMICA

Esta colecção está em estado de conservação deficiente e mau. De forma geral, as peças apresentam fracturas, fissuras, intervenções inadequadas e sujidade superficial.

2.2.7. ICONOGRAFIA DO FUNDADOR

Esta colecção encontra-se, em geral, em muito bom estado de conservação. Para tal contribui o facto de se tratar de obras relativamente recentes (meados do século XX), consistindo em obras de cerâmica, gesso, pintura a óleo sobre madeira, etc.

2.2.8. MOBILIÁRIO

A colecção de mobiliário encontra-se em estado de conservação regular, deficiente ou mau. Os materiais constituintes são essencialmente madeira, tecidos e algumas outras

aplicações esporádicas (embutidos, tais como madreperla). Embora existam algumas peças melhor conservadas, a maioria destas obras sofreram a acção de degradação de elevados valores de humidade relativa, ataque de insectos xilófagos, acção humana indevida, etc. O facto dos móveis de assento terem sido usados durante muitos anos pelo público, que ignorava o contexto expositivo, contribuiu fortemente para a sua degradação. Os têxteis são os materiais constituintes do mobiliário em pior estado de conservação.

2.2.9. NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA

Ambas as colecções se encontram em bom estado de conservação. Os principais materiais constituintes são o bronze e o papel (papel-moeda).

2.2.10. CURIOSIDADES

O estado geral da colecção é regular ou mau, sendo que a colecção de armas é a que se encontra em pior estado de conservação. Os materiais presentes nesta colecção são sobretudo madeira, metais e vidro.

2.3. Localização das colecções¹⁸

2.3.1. ARTE SACRA

A colecção de Arte Sacra encontra-se sobretudo distribuída pelo piso superior (salas 1 a 5) do Museu, abrangendo ainda algumas salas do piso inferior (salas 12, 13, 14 e 16).

As obras de imaginária e pintura enquadram-se na talha ao longo das salas 1, 2, 3, 4, 5 e 16; dentro da imaginária, o MSML reúne uma colecção de crucifixos na sala 12; o mobiliário litúrgico encontra-se exposto na sala 5, a colecção de castiçais na sala 14 e as vestes litúrgicas na sala 13.

2.3.2. ETNOGRAFIA

A sala de Etnografia (sala 7) localiza-se no piso inferior do museu, junto à parede oeste.

2.3.3. CIÊNCIAS NATURAIS

A sala 8 do piso inferior do museu é dedicada à colecção de Ciências Naturais.

2.3.4. ESTATUÁRIA

A colecção de estatuária do MSML encontra-se exposta na sala 11 do piso inferior.

2.3.5. CORTIÇA

A secção mais importante da colecção de cortiça do MSML encontra-se concentrada na sala 9 do piso inferior (Sala da Cortiça), sendo possível a sua visualização através do varandim da sala 6 do piso superior. Para além do conjunto existente nesta sala, existem ainda ao longo do percurso expositivo várias outras obras em cortiça, das quais se destacam as maquetinas dos dois Presépios da sala 4, do Calvário/Presépio da sala 5 e do Calvário da Sala 16.

2.3.6. CERÂMICA

A colecção de cerâmica encontra-se em reserva. O local de exposição é na sala 10 do piso inferior (esperando intervenção).

¹⁸ A descrição exaustiva dos respectivos espaços será feita no ponto 4 do presente documento.

2.3.7. ICONOGRAFIA DO FUNDADOR

As obras relativas à iconografia do Fundador encontram-se expostas na sala 6 do piso superior (Galeria do Fundador). Existem ainda outras obras, como bustos do Fundador, que se encontram em reserva. Para além disso, ao longo de todo o percurso expositivo vão surgindo elementos associados ao Fundador que podem ser englobados nesta colecção, como sejam as constantes iniciais H.A. ou os azulejos da Sala 2.

2.3.8. MOBILIÁRIO

As peças de mobiliário do MSML podem ser observadas nas salas 5 e 6 do piso superior, encontrando-se o restante espólio em reserva.

2.3.9. NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA

A colecção de medalhística do MSML encontra-se exposta em vitrines na Sala 1. No entanto, devido à sua temática, é possível que venha a ser transferida para o piso inferior.

A colecção de numismática encontra-se em reserva.

2.3.10. CURIOSIDADES

Alguns objectos de origem africana encontram-se expostos na Sala 1. Grande parte desta colecção permanece ainda na Sala 15, actualmente encerrada ao público. As armas e os bastões encontram-se em reserva.

3. Caracterização dos recursos humanos

3.1. Relação do pessoal e suas categorias

Organigrama:

Casa do Povo de Santa Maria de Lamas

Dr. Manuel Rubens Belinha

(Presidente da Direcção da Casa do Povo de Santa Maria de Lamas)

Direcção do Museu

Susana Gomes Ferreira (Conservadora)

Gestão das Colecções

Susana Gomes Ferreira

Joana Andrade (técnica de Património)

Serviço Educativo

Silvina Nabais

Serviços Administrativos

Susana Gomes Ferreira

Rui Sá

Serviços Auxiliares

José Manuel Soares

José Carlos Conceição

Tiago Soares

Augusto Fontes

Rosa Oliveira

António Rocha

3.2. Recursos externos

A Directora/Conservadora pode recorrer sempre que considere necessário e pertinente a recursos humanos externos. Os recursos externos regularmente utilizados são serviços de carpintaria, electricista e sistema de detecção de incêndio; produção

gráfica (elaboração de prospectos divulgativos e outras edições/publicações);
conservação e restauro¹⁹ (UCP); fotografia e vídeo.

¹⁹ Somente com a requalificação da Sala da Cortiça e zona adjacente serão criadas as condições necessárias para executar no Museu tais trabalhos. Ver Anexo 7 – *Projecto de Intervenção na Sala da Cortiça e área adjacente*.

4. Caracterização das áreas

4.1. Áreas expositivas

As áreas expositivas do MSML encontram-se distribuídas pelos dois pisos do edifício, correspondendo a uma área total de cerca de 1867m². Actualmente, o MSML apresenta apenas a exposição permanente. A Sala 11 do piso inferior (Sala da Estatuária) é também utilizada para exposições temporárias, em simultâneo com a exposição permanente.

4.1.1. ÁREA DE EXPOSIÇÃO PERMANENTE

A área de exposição permanente engloba dezasseis salas distribuídas pelos dois pisos do Museu²⁰. As salas são de dimensões, forma e características muito variáveis. As passagens entre as salas variam igualmente, existindo acessos sem desníveis, outros com escadas e outros com rampas. O acesso à exposição é feito através da entrada principal do Museu, passando pela Recepção. A ligação entre os dois pisos é feita através de escadas (Sala 3-16 e Sala 5-11).

Está actualmente projectada a instalação de um elevador na Sala da Cortiça, o qual fará a ligação entre os dois pisos²¹. Próximo do elevador será criada uma segunda entrada pública para o Museu (porta da fachada oeste), resolvendo assim diversos problemas de acessibilidades. No entanto, mesmo assim não será possível resolver os problemas de acesso às Salas 3, 4 e 5, apenas acessíveis por escadas.

Actualmente só existe uma entrada no Museu, a qual funciona também como saída; por esse motivo, terminada a visita os visitantes regressam pelo caminho inverso. Para além dos conteúdos gerais de cada sala, existe já sinalética específica relativa aos objectos expostos. Não existe ainda sinalética de percurso que oriente os visitantes ao longo do Museu. O percurso expositivo é porém bastante intuitivo dada a sua linearidade, não existindo múltiplos caminhos que dificultem a orientação do público (à excepção das Salas 5 e 11).²²

Neste capítulo descrever-se-á pormenorizadamente cada uma das áreas expositivas, tendo em conta os problemas e dificuldades existentes em cada uma.

²⁰ Ver Anexo 4 – Caracterização dos espaços.

²¹ Ver Anexo 7 – *Projecto de Intervenção na Sala da Cortiça e área adjacente.*

²² Ver Anexo 5 – Área Expositiva.

- PISO SUPERIOR

a) Sala 1 (Sala da Senhora do Ó)

Localização e características:

A Sala 1 situa-se no extremo Leste da ala Norte do edifício, no piso superior, sendo o acesso feito através da Recepção (entrada principal). A sala tem cerca de 94 m² (16,20x5,80m), com um vão de cerca de 3,40m. A parede Norte apresenta seis vãos de janela e uma porta de acesso ao exterior, e na parede Leste existem mais dois vãos de janela, um dos quais entaipado. A sala é rectangular e particularmente comprida em detrimento da sua largura.

Acessos:

A Sala 1 apresenta ligação com a Recepção e a Sala 2, sendo que em nenhum dos casos existem desníveis. Nenhuma das duas passagens apresenta porta, consistindo a primeira numa ampla abertura com 1,58m de largura por c. 3,10m de altura, e a segunda numa abertura com 0,86m de largura por 2,60m de altura. A passagem para a Sala 2, sendo relativamente estreita, representa uma possível dificuldade no acesso a públicos com necessidades especiais, nomeadamente cadeiras de rodas.

Conservação preventiva:

Não existe qualquer controle ambiental nesta sala, e a sua implantação será dificultada pela proximidade da recepção, cuja porta para o exterior é frequentemente aberta.

No que respeita à iluminação, subsiste a grande dificuldade de controlar a luz natural proveniente de sete janelas e uma porta com vidraça, para além da luz proveniente da Recepção. Todas as entradas de luz natural se encontram minimizadas pela colocação de estores de pano cru, mas tal não se revela ainda suficiente para um controle eficaz da iluminação expositiva. A iluminação artificial da sala é feita através de seis lâmpadas de halogéneo (50w), colocadas ao cimo da parede Norte.

Segurança²³:

Os equipamentos de segurança existentes nesta sala são um extintor de incêndio e sistema de detecção de incêndio (barreira). Todas as aberturas que dão para o exterior possuem grades em ferro, e a porta existente nesta sala encontra-se

²³ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

encerrada ao público. A falta de portas no acesso às outras salas dificulta o controle das passagens e o isolamento no caso de um possível incêndio. Neste caso a entrada principal do Museu funciona como saída de emergência. O quadro eléctrico encontra-se também na Sala 1, sendo a partir deste o controle de quase toda a iluminação do Museu. Não existe ainda sinalética de segurança.

Questões expositivas:

Mais de metade do espaço total da sala encontra-se preenchido pelo material expositivo, pelo que restam cerca de 44m² de espaço útil, capazes de comportar cerca de 130 pessoas em simultâneo. No entanto, não é aconselhável um número tão elevado de visitantes, pois não existem quaisquer barreiras entre o público e as obras expostas (com excepção das vitrines centrais). O percurso expositivo dentro da sala é livre, desenvolvendo-se espontaneamente em torno das vitrines centrais²⁴. Os acessos à Recepção e Sala 2 encontram-se nos extremos opostos da sala, o que facilita o percurso expositivo: os visitantes entram através da Recepção, circulam livremente em torno da sala e seguem para a Sala 2. O facto da sala ser particularmente comprida e com vitrines no centro torna os *corredores* de passagem relativamente estreitos, o que dificulta a reunião dos visitantes durante a visita guiada. A Sala 1 possui sinalética referente à colecção em geral (introdução à exposição e ao contexto do próprio Museu), e legendagem de cada uma das obras expostas.

b) Sala 2 (Sala da Capela)

Localização e características:

A Sala 2 localiza-se ao centro da ala Norte do edifício, no piso superior, entre as Salas 1 e 3. A área total da sala é de 75m² (10,88x6,88m), com um vão de cerca de 6 m. Na Sala 2 existem quatro janelas (uma das quais dá para águas-furtadas com clarabóia) e um óculo tipo rosácea. A sala é ampla e de formato rectangular.

Acessos:

As passagens para as Salas 1 e 3 não apresentam portas. O acesso à Sala 3 verifica-se particularmente estreito (72 cm de largura) e com a condicionante de apresentar

²⁴ Ver Anexo 5 – Área Expositiva.

quatro degraus íngremes: não é viável o acesso a pessoas com dificuldades motoras, nomeadamente cadeiras de rodas²⁵.

A sala possui uma porta para o exterior com 2,10 m de largura por 2,80 m de altura, fechada ao público, a qual é esporadicamente utilizada para entrada e saída de obras de grandes dimensões.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental nesta sala. A luz natural proveniente das janelas é controlada com estores de pano cru, sendo a sala iluminada por seis lâmpadas de halogéneo (50w) colocadas superiormente. Existe ainda um lustre expositivo no centro da sala, com nove lâmpadas de halogéneo (40w), mas que não se encontra em funcionamento.

A iluminação existente não é suficiente para a correcta visualização da sala por parte do público.

Segurança²⁶:

A janela que dá para as águas-furtadas tem uma rede de arame por fora, enquanto que as duas janelas que ladeiam a porta apresentam grade exterior em ferro. As janelas ao nível do coro alto (inacessível) não apresentam protecção. A porta para o exterior apresenta uma trave de reforço interior e gradeamento exterior em ferro. A ausência de portas de acesso às Salas 1 e 3 pode dificultar o isolamento em caso de incêndio. Por outro lado, o contacto directo com a Sala 1, e portanto com a Recepção permite a rápida saída do Museu em caso de emergência. Existe sistema de detecção de incêndio (barreira) e um extintor nesta sala.

Questões expositivas:

A Sala 2 apresenta cerca de 43 m² de espaço útil, podendo comportar em média 130 pessoas em simultâneo. No entanto, não é aconselhável ultrapassar o limite de 100 pessoas, dado que existem obras expostas na zona de circulação sem qualquer barreira de protecção. A sala apresenta um espaço central amplo, encontrando-se os bens expostos junto às paredes; tal facilita a visualização e confere maior facilidade de

²⁵ Devido à estrutura tradicional do edifício, enquadrada no espírito do próprio Museu, não é possível eliminar estes degraus, pelo que se torna inviável que pessoas em cadeira de rodas visitem as Salas 3, 4 e 5.

²⁶ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

agrupamento dos visitantes em visita guiada. O percurso expositivo dentro da sala é livre.

A Sala 2 possui sinalética referente à sala em geral e às peças em particular.

c) Sala 3 (Sala dos Evangelistas)

Localização e características:

A Sala 3 localiza-se no extremo Oeste da ala Norte do edifício, no piso superior, com acesso público às salas 2, 4 e 16 (piso inferior). A área total da sala é de 66 m² (11x6m), com um vão de cerca de 3,50 m de altura. Na Sala 3 existem 6 janelas, para além das duas da Sala 16 que também dão para este espaço. A Sala 3 é de formato rectangular, mas parte do espaço central encontra-se inutilizada pela presença das escadas de acesso ao piso inferior.

Acessos:

Não existem portas de ligação com as salas 2 e 16, enquanto a passagem para a Sala 4 apresenta uma porta de madeira. A sala possui uma porta para o exterior, fechada ao público, com 1,13 m de largura por 2,60 m de altura, a qual é acedida por degraus. Para além do acesso estreito (72 cm de largura) e com degraus que a liga à Sala 2, a Sala 3 apresenta ainda, na ponta oposta, uma passagem sem desníveis para a Sala 4 e, ao centro, as escadas de acesso ao piso inferior (Sala 16). O acesso à Sala 4 não apresenta dificuldades, tendo uma largura total de cerca de 1,30m por 2m de altura. O acesso ao piso inferior é aqui condicionado por um longo vão de escadas, não existindo qualquer possibilidade de acesso por pessoas com dificuldades motoras. No entanto, no sentido de minorar este problema, é possível visualizar a globalidade da Sala 16 a partir do varandim da Sala 3.

Conservação preventiva:

Na Sala 3 encontra-se um termohigrógrafo para monitorização ambiental; não existe ainda controlo ambiental nesta sala. A luz natural proveniente das janelas e porta é controlada com cortinas de pano cru, sendo a sala iluminada por 8 lâmpadas de halogéneo (50w) colocadas superiormente. O lustre existente não se encontra em funcionamento.

Segurança²⁷:

Todas as aberturas para o exterior apresentam gradeamento externo em ferro. Existem detectores de incêndio.

Questões expositivas:

A Sala 3 apresenta cerca de 40 m² de espaço útil, podendo comportar cerca de 120 pessoas em simultâneo. No entanto, não é aconselhável ultrapassar o limite de 100 pessoas, dado que não existem barreiras de protecção das obras expostas e a existência das escadas no centro da sala pode representar um potencial perigo.

O percurso expositivo dentro da sala é livre, fazendo-se geralmente em torno do vão de escadas. Actualmente, visto a Sala 16 estar isolada relativamente ao restante piso inferior, o seguimento da visita é pela Sala 16 e depois recuando e redireccionando para a Sala 4.

A Sala 3 possui sinalética referente à sala em geral e às peças em particular.

d) Sala 4 (Sala dos Presépios)

Localização e características:

A Sala 4 localiza-se no piso superior, na ala Oeste do edifício, entre as salas 3 e 5. A área total da sala é de 66 m² (11x6m), tendo um vão de cerca de 3,40 m de altura. A sala é interior, sendo que para além dos acessos só tem aberturas para a Sala 5. A Sala 4 é de formato rectangular, com um espaço central amplo.

Acessos:

Os dois acessos existentes situam-se em pontas opostas da sala e não apresentam dificuldades: nenhum dos acessos apresenta desníveis, tendo um 1,30m de largura por 2m de altura (Sala 3-4), e o outro 0,95m de largura por 2,33m de altura (Sala 4-5). Destes, só o primeiro apresenta porta.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental nesta sala. Não há entradas de luz natural, sendo a iluminação feita através do lustre central, com 8 lâmpadas de halogéneo (40w), e dos dois laterais, um com 3 e outro com 5 lâmpadas. Esta iluminação não se revela apropriada, pois não é direccionável e cria reflexos que dificultam a visualização das obras.

²⁷ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

Segurança²⁸:

A sala está equipada com detectores de incêndio e um extintor.

Questões expositivas:

A Sala 4 apresenta cerca de 44 m² de espaço útil, podendo comportar em média 130 pessoas em simultâneo. O percurso expositivo dentro da sala é livre.

A Sala 4 possui sinalética referente à sala em geral e às peças em particular.

e) Sala 5 (Sala dos Oratórios)

Localização e características:

A Sala 5 localiza-se no piso superior, na ala central do edifício, com acesso às Salas 4, 6 e 11 (piso inferior). A sala é de grandes dimensões (corresponde à totalidade da largura do edifício) e tem formato de “P invertido”. A área total da sala é de 400m², com um vão de cerca de 3,50m de altura. Na Sala 5 existem 5 janelas envidraçadas.

Acessos:

Para além do acesso à Sala 4 (já referido), a Sala 5 apresenta acessos desnivelados para a Sala 6 e para o piso inferior (Sala 11), ambos feitos através de escadas. A abertura para a Sala 6, com porta de vidro, apresenta 2,30m de largura por 2,20m de altura, não apresentando problemas dimensionais, mas o acesso através de escadas representa sempre um problema no que respeita às acessibilidades. O vão de escadas que dá para o piso inferior é consideravelmente longo, tornando-se um verdadeiro obstáculo para públicos com mobilidade reduzida.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental nesta sala. A luz natural proveniente das janelas é controlada com estores de pano cru, sendo a sala iluminada por 28 lâmpadas de halogéneo (50w) colocadas superiormente. Os tectos da Sala 5, pintados nos anos 60, encontram-se extremamente degradados, pelo que estão presentemente a ser substituídos por réplicas.

²⁸ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

Segurança²⁹:

Existe sistema de detecção de incêndio (barreiras) e um extintor na sala.

Questões expositivas:

A Sala 5 apresenta cerca de 200m² de espaço útil, podendo comportar em média 650 pessoas em simultâneo. Existem corrimões de madeira que impedem a aproximação excessiva das pessoas às obras. No entanto, as obras de mobiliário civil expostas encontram-se fora das áreas protegidas com essas barreiras, pelo que estão mais sujeitos aos perigos da acção humana. O percurso expositivo dentro da sala é livre.

A Sala 5 possui sinalética referente à sala em geral e às peças em particular.

f) Sala 6 (Galeria do Fundador)

Localização e características:

A Sala 6 localiza-se na ala central do edifício, no piso superior, com acesso público à Sala 5. Nos seus extremos existem duas portas que dão acesso para o corredor e zona adjacente à Sala da Cortiça (exclusiva ao pessoal do museu e aos Serviços Educativos). A sala 6 é rectangular, com uma área total de 100 m² (17x6m), e um vão de cerca de 4,70m de altura.

Esta sala apresenta doze aberturas sobre a Sala da Cortiça, três das quais varandas abertas, sete janelas envidraçadas e dois “postigos” decorativos com vidro fosco. As duas portas que dão para os corredores laterais são em madeira com vidro opaco (ambas fechadas ao público). As duas paredes laterais apresentam dois níveis de vidraças com vidro fosco.

Acessos:

O único acesso público a esta sala é feito pela Sala 5, apresentando um lanço de escadas. No entanto, pessoas com limitações na locomoção podem visitar a Sala 6 entrando pela porta lateral do Museu. As duas passagens laterais da sala (acesso restrito salvo nos casos de limitação motora e acesso aos Serviços Educativos) têm 1,20m de largura por 2,19m de altura, sem desníveis.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental. A luz natural proveniente da Sala da Cortiça é controlada com cortinas de pano cru, sendo a sala iluminada por 12 lâmpadas de halogéneo (40w) colocadas superiormente.

²⁹ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

Segurança³⁰:

Existe sistema de detecção de incêndio (barreira) e um extintor na sala.

Questões expositivas:

A Sala 6 apresenta cerca de 44m² de espaço útil, podendo comportar em média 130 pessoas em simultâneo. No entanto, não é aconselhável ultrapassar o limite de 100 pessoas, dado que não existem barreiras de protecção das obras expostas. O percurso expositivo dentro da sala é livre. A visita ao piso superior termina actualmente nesta sala (na varanda para a Sala da Cortiça), sendo feito em seguida o percurso inverso em direcção às escadas da Sala 5 (acesso ao piso inferior).

A Sala 6 possui apenas sinalética referente à sala em geral e aos retratos do Fundador. Ainda não foi implementada legendagem no que respeita aos restantes elementos expostos (mobiliário, artefactos diversos, etc.).

g) Sala 7 (Sala de Etnografia)

Localização e características:

A Sala 7 localiza-se no piso inferior do edifício. Esta sala é acedida através da Sala 11. A área total da sala é de 50m² (10x5m), com um vão de cerca de 4,70 m de altura. Na realidade, não existe uma separação física concreta entre a Sala 7 e a Sala 11, mas por motivos de organização espacial elas são entendidas como duas salas distintas. Na parede Oeste da Sala 7 existem três janelas envidraçadas (vidro fosco).

A Sala 7 é de formato rectangular, relativamente estreita, sendo o espaço central ocupado por equipamento expositivo.

Acessos:

O acesso à Sala 7 é perfeitamente amplo, não existindo qualquer parede ou obstáculo de separação relativamente à Sala 11.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental nesta sala, embora exista um desumidificador no mesmo espaço físico (Sala 11). Os vidros das janelas apresentam filtros UV e IV, filtrando a luz natural de forma adequada ao ambiente expositivo. A iluminação da sala

³⁰ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

é feita no interior das próprias vitrines, com lâmpadas de halogéneo. Contribuem também para a iluminação geral da sala a luz natural filtrada das três janelas e a luz artificial proveniente da Sala 11 (lâmpadas de halogéneo de 50w).

As vitrines são novas e adequadas às diversas questões conservativas. O material é neutro e não interage com os objectos expostos. Para além das vitrines centrais, existem também vitrines embutidas nas paredes.

Segurança³¹:

A Sala 7 está equipada com sistema de detecção de incêndio (barreira)³² e um extintor.

Questões expositivas:

A Sala 7 apresenta cerca de 20m² de espaço útil, podendo comportar em média 60 pessoas em simultâneo. O percurso expositivo dentro da sala é livre, fazendo-se naturalmente em torno da vitrine central.

A sala possui sinalética referente à sala em geral e às peças em particular.

h) Sala 8 (Gabinete de Ciências Naturais)

Localização e características:

A Sala 8 localiza-se no piso inferior do edifício, com acesso às salas 9, 10 e 11 (acessos sem porta). A área total da sala é de 100m² (17x6m), com um vão de cerca de 3,80 m de altura.

A sala é de formato rectangular, com a maior parte do espaço central ocupado pelo equipamento expositivo.

Acessos:

O problema das acessibilidades encontra-se resolvido, existindo rampas nos desníveis existentes (a rampa da Sala 9 será apenas colocada aquando da sua recuperação, visto que até lá não estará acessível ao público). As aberturas de passagem entre as salas são amplas e não oferecem problemas, sendo a mais estreita a ligação à Sala 10, com 0,83m de largura por 2,09m de altura (esta encontra-se actualmente encerrada ao público, com uma porta falsa).

³¹ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

³² A sinalética de emergência não se justifica pois existe na Sala 11, que na realidade corresponde ao mesmo espaço físico.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental. A sala é iluminada por lâmpadas de halogéneo (50w) colocadas junto ao tecto, sobre o entablamento. As lâmpadas estão orientadas para cima, não incidindo directamente sobre os objectos expostos. Concorrem para a iluminação da sala a luz natural proveniente do tecto da Sala 9 e a luz artificial da Sala 11. As vitrines centrais são as originais do Museu, em madeira, mas suspensas em plintos novos. Estas vitrines estão já preparadas para num futuro próximo receberem iluminação interna.

Segurança³³:

A sala está equipada com sistema de detecção de incêndio (barreira), um extintor e sinalética de emergência.

Questões expositivas:

A Sala 8 apresenta cerca de 44m² de espaço útil, podendo comportar em média 130 pessoas em simultâneo. O percurso expositivo dentro da sala é livre, fazendo-se naturalmente em torno das vitrines centrais. A sala apresenta sinalética referente à sala em geral e aos objectos expostos em particular.

i) Sala 9 (Sala da Cortiça)³⁴

Localização e características:

A Sala 9 localiza-se no piso inferior do edifício, contígua à Sala 8. A área total da sala é de 367m² (21x17,5m), com um vão de cerca de 11m de altura: a sala ocupa na vertical a área correspondente à altura dos dois pisos. O tecto da Sala 9 é de fibra de Polivinil Cloreto (PVC) com armação em ferro galvanizado (amarração em tesoura), à maneira das estufas, deixando entrar directamente a luz solar durante todo o dia. A sala é extremamente ampla e de formato quase quadrangular. Uma área considerável

³³ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

³⁴ Actualmente encerrada ao público, aguardando intervenção. O Projecto de reabilitação da Sala da Cortiça e zona adjacente encontra-se já realizado, esperando apenas que o Museu possua meios para o concretizar. Ver Anexo 7 – *Projecto de Intervenção na Sala da Cortiça e área adjacente*.

do lado Sul é ocupada por um grande retábulo em talha dourada, enquanto no centro da sala se distribuem três áreas expositivas.

Acessos:

Ainda não foi colocada a rampa de acesso à Sala 8, pois a sala encontra-se encerrada ao público. O degrau actualmente existente entre as salas é de altura considerável. Está projectada a instalação de um elevador na Sala da Cortiça, estabelecendo assim uma ligação entre os dois pisos acessível a todos os públicos.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental nesta sala, verificando-se um considerável aumento da temperatura nos meses de Verão. A luz natural proveniente da cobertura incide directamente sobre os objectos expostos, sem qualquer controlo.

A cobertura está em mau estado de conservação, verificando-se infiltrações de águas pluviais. O chão, feito em cortiça, encontra-se igualmente em mau estado, observando-se, entre outras, lacunas na superfície e degradação produzida pelas referidas infiltrações.

Segurança³⁵:

A Sala está equipada com sistema de detecção de incêndio (barreiras).

Questões expositivas:

Actualmente a Sala 9 apresenta cerca de 121 m² de espaço útil, podendo comportar em média 360 pessoas em simultâneo. O percurso expositivo dentro da sala é livre, fazendo-se em torno do bloco expositivo central. Presentemente não é permitido o acesso do público ao interior da sala devido ao seu mau estado de conservação. No entanto, a Sala da Cortiça pode ser amplamente observada a partir da Sala 8 ou pelos varandins da Sala 6 (piso superior). Para além disso, é também observável pelas janelas ao longo do corredor que a circunda, actualmente fechado ao público. Desta forma se permite também que pessoas com mobilidade reduzida possam visualizar a Sala da Cortiça desde o piso superior³⁶.

³⁵ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

³⁶ Situação actual que visa ser resolvida aquando da reabilitação da Sala da Cortiça e inclusa implementação do elevador. Ver Anexo 7 – *Projecto de Intervenção na Sala da Cortiça e área adjacente*.

j) Sala 10 (Sala da Cerâmica)³⁷

Localização e características:

A Sala 10 localiza-se no piso inferior do edifício, com acesso pela Sala 8. A área total da sala é de 73m² (13x6m), com um vão de cerca de 3,20m de altura. A sala possui uma porta para o exterior (Colégio Liceal). Na sala existem 4 janelas para o exterior (Colégio Liceal). A Sala é ampla e de formato rectangular.

Acessos:

Os problemas de acessibilidades neste espaço estão resolvidos, sendo rampeado o pequeno desnível na passagem para a Sala 8.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental nesta sala. As aberturas envidraçadas, tanto janelas como a porta, apresentam vidros partidos e lacunas nos mesmos, permitindo a entrada de humidade, sujidade e outros agentes de degradação. Não há controle da luz natural proveniente destas aberturas. A sala é iluminada por 4 lâmpadas de halogéneo (50w) colocadas no tecto.

Segurança³⁸:

A sala está equipada com detectores de incêndio e um extintor. As janelas apresentam protecção exterior de malha metálica apertada, representando uma protecção sobretudo contra a entrada de animais.

Questões expositivas:

A Sala 10 espera remodelação e não funciona actualmente como ambiente expositivo.

k) Sala 11 (Sala da Estatuária)

Localização e características:

A Sala 11 localiza-se no piso inferior do edifício, com acessos às Salas 5 (piso superior), 12, 7 e 8. A área total da sala é de 348 m², com um vão de cerca de 4,70 m de altura. A sala apresenta três janelas envidraçadas. É de formato rectangular, particularmente comprida (semelhante à Sala 5).

³⁷ Actualmente encerrada ao público, aguardando intervenção.

³⁸ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

Acessos:

O único problema de acessibilidade nesta sala é a ligação ao piso superior (Sala 5), que é forçosamente feita através de um comprido lanço de escadas: tal impede a sua visualização por públicos com mobilidade reduzida. Os restantes acessos encontram-se já dotados de rampas. Uma vez instalado o elevador na Sala 9, este problema ficará resolvido.

Conservação preventiva:

A sala está equipada com um desumidificador. As janelas apresentam vidros com filtragem UV e IV, não representando um problema conservativo. Para além disso, a sala é iluminada artificialmente através de um sistema de calhas que permite a livre disposição e orientação dos focos de luz. São usadas lâmpadas de halogéneo (50w).

Segurança³⁹:

A sala está equipada com sistema de detecção de incêndio (barreiras) e sinalética de emergência.

Questões expositivas:

A Sala 11 apresenta cerca de 220m² de espaço útil, podendo comportar em média 650 pessoas em simultâneo. Embora as obras sejam colocadas em plintos, não existem barreiras que dificultem o acesso directo do público às mesmas.

O percurso expositivo dentro da sala é livre, fazendo-se em princípio de acordo com as temáticas apresentadas. A sala apresenta sinalética referente à sala em geral e aos objectos expostos em particular.

I) Sala 12 (Sala dos Crucifixos)⁴⁰

Localização e características:

A Sala 12 localiza-se no piso inferior do edifício, com acesso pelas salas 11 e 13. A área total da sala é de 120m², com um vão de cerca de 2,90m de altura. A sala possui uma porta envidraçada para o exterior (Colégio Liceal), com 1,35m de largura e 2,45m de altura. A Sala é relativamente comprida, de formato em L (área correspondente à Sala 1 e Recepção).

³⁹ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

⁴⁰ Actualmente encerrada ao público, aguardando intervenção.

Acessos:

Não existem portas nos acessos às Salas 11 e 13, sendo que o primeiro apresenta uma cortina de separação. O único eventual problema no que respeita às acessibilidades é a largura da passagem para a Sala 11, com apenas 64 cm; não obstante, esse acesso é já feito por rampas. A passagem para a Sala 13 apresenta 110 cm de largura, não levantando problemas de acesso.

Conservação preventiva:

Não existem quaisquer equipamentos de controlo de temperatura ou humidade relativa nesta sala. A abertura para o exterior encontra-se em mau estado de conservação, apresentando vidros partidos que deixam entrar diversos factores de degradação (humidade, correntes de ar, sujidade, etc.). Para além disso, a luz natural proveniente da mesma abertura não é controlada. A sala é iluminada artificialmente por lâmpadas de halogéneo (50w), colocadas no tecto; a luz artificial incide directamente sobre os objectos.

Segurança⁴¹:

A sala está equipada com detectores de incêndio e um extintor. A porta para o exterior não apresenta qualquer segurança para além de um cadeado.

Questões expositivas:

A Sala 12 apresenta cerca de 44m² de espaço útil, podendo comportar em média 130 pessoas em simultâneo. Toda a área central da sala se encontra ocupada por equipamentos expositivos, sendo o percurso expositivo realizado em torno destes. A área da sala que se destaca do rectângulo maior (lado menor do “L”) apenas pode ser visualizada, não é fisicamente acessível ao público.

m) Sala 13 (Sala dos “Paramentos”)⁴²

Localização e características:

A Sala 13 localiza-se no piso inferior do edifício, entre as Salas 12 e 14 (com acesso a ambas). A área total da sala é de 75m² (11x7m) e tem um vão de cerca de 2,90m de altura. A Sala é de formato rectangular e não apresenta janelas.

⁴¹ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

⁴² Actualmente encerrada ao público, aguardando intervenção.

Acessos:

Não existe desnível no acesso à Sala 12; a Sala 14 apresenta escadas. A passagem para a Sala 12 apresenta cerca de 64 cm de largura; a ligação à Sala 14 é feita por um corredor com 120 cm de largura em toda a sua extensão.

Conservação preventiva:

A sala está equipada com um desumidificador. A iluminação é feita através de lâmpadas fluorescentes, inseridas em caixas que diminuem a intensidade da luz. As lâmpadas encontram-se na sua maioria colocadas directamente sobre os equipamentos expositivos, excessivamente próximas dos objectos expostos. Esta situação não se revela adequada nem pelo tipo de iluminação nem pelo seu posicionamento⁴³.

No caso específico desta sala, dado que a colecção que alberga é sobretudo constituída por têxteis, a inexistência de barreiras entre o público e os objectos expostos pode contribuir de forma decisiva para o aumento da degradação do acervo. O chão da sala encontra-se bastante deteriorado.

Segurança⁴⁴:

Existem detectores de incêndio na sala. A inexistência de portas na ligação às outras salas pode representar uma maior dificuldade de isolamento em caso de emergência, assim como aumenta a facilidade de intrusão (visto a Sala 12 ter uma saída para o exterior).

Questões expositivas:

A Sala 13 apresenta cerca de 66m² de espaço útil, podendo comportar em média 200 pessoas em simultâneo. No entanto, não é aconselhável ultrapassar o limite de 100 pessoas, dado que não existem barreiras de protecção das obras expostas. O percurso expositivo dentro da sala é livre, sendo a circulação feita em torno dos equipamentos expositivos.

⁴³ Actualmente não há objectos expostos nesta sala, mas para fins da sua futura exposição será revista a questão da iluminação (a sala será inteiramente remodelada).

⁴⁴ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

n) Sala 14 (Câmara dos Espelhos e Castiçais)⁴⁵

Localização e características:

A Sala 14 localiza-se no piso inferior do edifício, com acessos às Salas 13, 15 e 16. A área total da sala é de 32m² (5,5x5,5m), com um vão de cerca de 4,50m de altura. Não existem portas de ligação com as salas 13 e 16, sendo que apenas a Sala 15 apresenta uma porta em vidro. A sala é de formato quadrangular.

Acessos:

Ambos os acessos principais a esta sala (pelas Salas 13 e 16) apresentam escadas; não há desnível em relação à Sala 15. A entrada pela Sala 16 é um pouco estreita, com cerca de 85 cm de largura, mas o corredor de acesso à Sala 13 tem já uma abertura de 120 cm.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental nesta sala. Actualmente não se encontra activa qualquer fonte de iluminação da sala.

Segurança⁴⁶:

A sala encontra-se equipada com detectores de incêndio e um extintor. Mais uma vez, a ausência de portas nos acessos às outras salas dificulta o controle a nível da segurança e é um potencial risco em caso de incêndio (falta de estanquicidade).

Questões expositivas:

A Sala 14 apresenta cerca de 6m² de espaço útil, podendo comportar em média 15 pessoas em simultâneo. Existe neste caso um espaço reservado para a exposição, funcionando o restante como corredor de passagem, no qual os visitantes podem parar para observar os objectos expostos; existe uma barreira física que separa o público dos objectos.

⁴⁵ Actualmente encerrada ao público, aguardando intervenção.

⁴⁶ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

o) Sala 15 (Gabinete das Armas)⁴⁷

Localização e características:

A Sala 15 localiza-se no piso inferior do edifício, sendo a entrada e a saída realizadas pela Sala 14. A sala, cuja área total é de 66m² (11x6m), encontra-se subdividida em quatro espaços distintos. Desta forma, metade da sala corresponde a um espaço único que dá acesso a três espaços independentes, todos eles acedidos por portas de madeira envidraçadas. A porta principal da sala é em vidro fosco pintado. Toda a sala apresenta um vão de cerca de 4,50m de altura.

Acessos:

Esta sala não apresenta desníveis de nenhum tipo, mas encontra-se na realidade dependente dos acessos da Sala 14 (escadas), a única com a qual tem ligação. A porta para a Sala 14 é a mais estreita das quatro, com cerca de 62 cm de largura; as restantes não apresentam quaisquer problemas de acessibilidade.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental nesta sala. A sala é iluminada por um lustre com lâmpadas de halogéneo (40w). As sub-divisões não se encontram iluminadas.

Segurança⁴⁸:

A sala apresenta detectores de incêndio. As portas em vidro não representam uma segurança eficaz contra intrusão, mas facilitam o controle da sala em caso de necessidade de isolamento temporário.

Questões expositivas:

A Sala 15 apresenta cerca de 50m² de espaço útil, podendo comportar em média 150 pessoas em simultâneo. Não é porém aconselhável ultrapassar os 80 visitantes, pois o excesso de pessoas num espaço sem quaisquer aberturas poderia prejudicar as condições conservativas dos bens (temperatura, humidade e vibrações), mas também provocar situações de pânico em alguns visitantes.

⁴⁷ Actualmente encerrada ao público, aguardando intervenção.

⁴⁸ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

p) Sala 16 (Sala da Capela de Delães)

Localização e características:

A Sala 16 localiza-se no piso inferior do edifício, e tem acesso pela Sala 3 (piso superior) e pela Sala 14 (piso inferior)⁴⁹. A área total da sala é de 60m² (12x5m), com um vão de cerca de 8m de altura. Na Sala 16 existem 2 janelas ao nível do piso superior. A Sala é de formato rectangular.

Acessos:

O acesso pelo piso superior (Sala 3) é feito por escadas, o que representa um problema para públicos com mobilidade condicionada. No caso desta sala o problema só poderá ser resolvido após a instalação de um elevador na Sala 9 e após a remodelação e abertura das salas 12, 13 e 14⁵⁰. No entanto, a Sala 16 tem a particularidade de ser perfeitamente observável através do balcão da Sala 3, o que permite a sua visualização sem descida obrigatória ao piso inferior.

Conservação preventiva:

Não existe controlo ambiental nesta sala. A luz natural proveniente das janelas é controlada com cortinas de pano cru. A sala é iluminada por lâmpadas de halogéneo (50w) colocadas superiormente.

Segurança⁵¹:

Todas as janelas apresentam gradeamento exterior em ferro. A sala está equipada com sistema de detecção de incêndio (barreira).

Questões expositivas:

A Sala 16 apresenta cerca de 25m² de espaço útil, podendo comportar em média 80 pessoas em simultâneo. O percurso expositivo dentro da sala é livre, fazendo-se naturalmente em torno das vitrines centrais.

A sala apresenta sinalética referente à sala em geral e aos objectos expostos em particular.

⁴⁹ Acesso actualmente restrito aos funcionários do Museu.

⁵⁰ Será necessário para isso resolver os problemas de acessibilidades inerentes a estas salas.

⁵¹ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

4.2. Áreas de Reserva

O Museu ainda não possui espaços museologicamente adequados para as reservas. Actualmente as reservas funcionam em antigas salas do Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas, apresentando todos os problemas de conservação – luz, temperatura e humidade relativa – inerentes a espaços de carácter não museológico. Estas salas localizam-se na ala Sul do Museu, ao longo do corredor que circunda a Sala da Cortiça.

A implementação de uma área adequada para as reservas está já prevista no Projecto de requalificação da Sala da Cortiça e zona adjacente⁵². Pretende-se aproveitar os espaços actualmente existentes e requalificá-los, dotando-os com as condições conservativas e de segurança exigidas ao armazenamento de peças em reserva.

⁵² Ver Anexo 7 – *Projecto de Intervenção na Sala da Cortiça e área adjacente*.

5. Circulação de bens culturais

Por circulação de bens culturais entende-se as deslocações dos mesmos, dentro ou fora do espaço museológico. O manuseamento de qualquer elemento do espólio só é permitido após autorização da Conservadora do MSML. As deslocações externas dos objectos devem ser sempre acompanhadas por cópia da ficha de inventário dos mesmos.

Em termos gerais, a circulação interna dos bens só é feita:

- aquando da sua incorporação, até finalizado o devido acondicionamento;
- com o fim de integrar uma exposição, caso em que se exige uma reavaliação do estado de conservação;
- para a obtenção de registos fotográficos;
- com fins de rotatividade expositiva;
- no caso de actividades educativas excepcionais, desde que não coloquem em risco a segurança da obra;
- para fins de estudo ou investigação;
- para protecção das obras durante operações de limpeza profunda no espaço onde se encontram;
- aquando da necessidade de intervenções de conservação e restauro, quer nas obras quer no espaço em que se encontram;
- durante quaisquer intervenções no espaço museológico ou respectivos equipamentos, as quais representem um risco para a segurança das obras;

A circulação externa só é permitida nos seguintes casos:

- situação de empréstimo para exposição;
- realização de exposição temporária fora do MSML;
- necessidade de realizar exames fora do MSML (por exemplo, Raios-X);
- necessidade do auxílio de especialistas externos, se não houver possibilidade do estudo ser feito no Museu;
- necessidade de intervenção profunda de conservação e restauro, que não possa ser feita no espaço do Museu (como sucede com a colecção de imaginária, cuja intervenção tem vindo a ser feita pelos alunos da Licenciatura em Conservação e Restauro da Universidade Católica Portuguesa)⁵³.

⁵³ Está prevista a criação de uma Oficina de Restauro nas instalações do Museu, o que reduzirá esta necessidade de deslocação das obras para conservação e restauro.

Em caso de circulação externa são exigidos todos os cuidados no acondicionamento e transporte. É impreterivelmente assinado um termo de responsabilidade por parte de quem transporta e de quem recebe a peça.

6. Público

A maior parte do público do MSML é nacional, sendo sobretudo da região de Entre Douro e Vouga e regiões vizinhas. O público é heterogéneo, com particular incidência em visitas escolares e grupos de seniores. Os grupos apresentam maioritariamente entre 30 a 80 pessoas.

O público sénior, proveniente de todo o país, vem ao Museu em grandes grupos e requisita visita guiada. Na sua maioria este público vem em excursão através de entidades sociais e turísticas nacionais (caso do Inatel, diversos Centros de Dia, Câmaras Municipais e Misericórdias). Em alguns destes casos já existe uma relação directa com o Museu, sendo marcadas visitas periódicas ao mesmo.

As crianças vêm ao MSML sobretudo em visita escolar e aquando da realização de actividades promovidas pelos Serviços Educativos.

O público adulto vem geralmente ao Museu em família ou individualmente. É frequente este tipo de público ser atraído pela conotação do MSML com a cortiça (em algumas fontes divulgativas ainda se encontra a antiga denominação popular de *Museu da Cortiça*).

O MSML promove actividades junto dos diversos públicos, com particular incidência nas crianças e seniores. Presentemente o MSML aposta também na realização de actividades dirigidas a jovens estudantes e adultos. São ainda realizadas exposições, dentro do Museu, de trabalhos finais feitos pelo público no âmbito de actividades e concursos promovidos pelos Serviços Educativos.

O MSML promove também actividades fora do Museu, como por exemplo a Exposição *Imaginária Feminina*, realizada em 2005 na Casa-Museu Guerra Junqueiro (Porto).

No que respeita às acessibilidades, o MSML apresenta dificuldades na resolução de alguns problemas. O principal problema é a existência de escadas em vários pontos do percurso expositivo, as quais não podem ser eliminadas por se inserirem na própria traça característica do edifício. A solução proposta para minorar, ainda que parcialmente, este problema, passa pela criação de um elevador na Sala da Cortiça, o qual permitirá o acesso ao piso inferior. O piso inferior já apresenta rampas de acesso

nas Salas actualmente remodeladas (Salas 7, 8 e 11), não apresentando em si mesmo condicionantes. Na entrada principal do Museu será colocada uma rampa de acesso. As vitrines usadas no MSML são as vitrines originais do Museu, que serão mantidas por corresponderem a um estilo muito particular que caracteriza o próprio espaço museológico. Verifica-se que crianças com idade inferior a cinco anos têm considerável dificuldade em visualizar o conteúdo destas vitrines, problema que pode ser resolvido com um sistema de plintos móveis a colocar antes dessas vitas. As placas com conteúdos expositivos encontram-se a uma altura acessível a todos os públicos, e com um tipo de letra que não exige excessivo esforço de visualização. Os conteúdos expositivos apresentam uma linguagem acessível a todos os públicos. Estes conteúdos estão actualmente a ser revistos e melhorados, tendo sempre em conta a acessibilidade da linguagem utilizada.

É de salientar que existem muitos objectos sem qualquer protecção face ao público ao longo do percurso expositivo. Este facto implica uma maior atenção face ao número de visitantes em simultâneo e também o reconhecimento do tipo comportamental de cada grupo (por exemplo, as crianças são em princípio mais difíceis de controlar do que os adultos).

Quando possível, procura-se dividir os grandes grupos em vários subgrupos, sobretudo quando se trata de crianças. No caso de crianças pequenas, é por vezes aconselhada uma actividade suplementar durante o tempo de espera (desenho em papel cenário, por exemplo).

Os grupos, tal como os visitantes isolados, são advertidos no início da visita acerca de algumas normas de conduta dentro do Museu. Mochilas ou outros volumes trazidos pelos visitantes devem ser entregues na Recepção, muito embora o Museu não possua ainda um espaço adequado para o efeito.

Na Recepção do Museu já existe sinalética indicadora da proibição de fumar e fotografar.

O MSML ainda não possui casas de banho próprias. Os visitantes podem utilizar as casas de banho públicas contíguas à entrada principal do Museu, antes ou depois da visita. Excepcionalmente, no âmbito das actividades dos Serviços Educativos permite-se por vezes a utilização das casas de banho do Colégio Liceal pela proximidade ao local das actividades⁵⁴. Está prevista para 2009 a instalação de casas de banho próprias do Museu, próximo da zona dos Serviços Educativos.

⁵⁴ Implica o aval antecipado da Direcção do Colégio.

O MSML encontra-se aberto de segunda-feira a domingo, das 9h30 às 12h30 e das 14h às 17h; entre Maio e Setembro o Museu está aberto até às 17h30.

II – Avaliação de riscos

Esta avaliação de riscos pretende determinar quais os factores existentes no MSML que possam contribuir activamente para a degradação do seu espólio (obras e edifício). Entre estes factores de risco destacam-se as variações acentuadas de temperatura e humidade relativa, perigo de infestações, iluminação inadequada, manuseamento inadequado e más condições de acondicionamento. A falta de equipamento revela-se aqui determinante, pois afecta todas as áreas que envolvem a segurança e conservação dos bens culturais do MSML.

1. Edifício

a) Factores de risco

- Ocorrência de infiltrações de águas pluviais na Sala da Cortiça, ainda não intervencionada. O problema será resolvido quando se colocar em prática o Projecto de Reabilitação desta sala.
- Falta de estanquicidade de portas e janelas. Nas Salas ainda não intervencionadas (piso inferior) verifica-se a entrada de água e sujidades diversas pelas zonas envidraçadas em mau estado; nas Salas 7 e 11 do piso inferior, recentemente remodeladas, este problema encontra-se já resolvido. Está já prevista a calafetagem de portas e janelas num futuro próximo, evitando assim a entrada de insectos e poluição e diminuindo as variações termohigrométricas.
- São quase inexistentes os equipamentos de climatização e segurança⁵⁵.
- O Museu sofre variações termohigrométricas intensas.
- Não há qualquer estudo acerca dos riscos de poluição atmosférica na envolvência do Museu, embora a proximidade do Parque (zona verde) e a inexistência de grandes fontes de poluição nas imediações diminuam essa probabilidade.
- Não existe vigilância continuada do Museu (sobretudo à noite) nem sistema de videovigilância: risco de roubo ou vandalismo.
- Inexistência de alarmes de intrusão; embora as aberturas para o exterior estejam protegidas por grades de ferro, tal pode não ser suficiente por si só.
- O MSML tem ligação directa com o Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas, apresentando várias portas de acesso ao mesmo. Embora a posse de chaves seja restrita, assim como a entrada no Colégio, é de considerar um maior risco de intrusão.

⁵⁵ Ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

- Não há portas corta-fogo.
- Ausência de detectores de incêndio e escassez de extintores nas áreas de serviço e nas reservas.
- A instalação eléctrica encontra-se ultrapassada.
- Verifica-se a inexistência de saídas de emergência no Museu, assim como de sinalética de emergência no Piso Superior.

b) Medidas a tomar

Sistema de climatização

No que respeita ao controle dos factores ambientais, apenas existem três desumidificadores, os quais se revelam insuficientes. O Museu necessita de um sistema de controle da humidade relativa e temperatura, assim como de mais aparelhos de monitorização (um termohigrógrafo por sala de exposição seria a situação ideal).

Equipamentos de segurança⁵⁶

É necessário:

- câmaras de videovigilância;
- alarmes contra intrusão junto das principais entradas a partir do exterior;
- melhorar o sistema de comunicações entre as várias zonas do Museu;
- avaliar as saídas existentes de forma a criar saídas de emergência;
- implantar sinalética de percurso com indicação das saídas existentes (já existe nas salas de exposição remodeladas do piso inferior);
- Instalação de detectores de incêndio nas áreas de serviço e reservas, assim como a colocação de mais extintores.
- completa revisão e renovação da instalação eléctrica.

2. Áreas

2.1. Espaços expositivos

a) Factores de risco

- Variações termohigrométricas intensas e não controladas.
- Iluminação inadequada, nomeadamente no interior das vitrines (com excepção das salas remodeladas do piso inferior).

⁵⁶ Para análise dos equipamentos actualmente existentes e suas características ver Anexo 6 – Equipamentos de Segurança.

- Roubo e vandalismo – não existe defesa contra intrusos nem protecção dos equipamentos expositivos.
- Inexistência de saídas de emergência.
- Ausência de sinalização de emergência (com excepção das Salas 7, 8 e 11).
- Ausência de sinalética que oriente o público no Museu.

b) Medidas a tomar

- Planificação e aquisição de um sistema de controle da humidade relativa e temperatura, assim como de mais aparelhos de monitorização.
- Total remodelação do tipo de iluminação utilizada, substituindo as lâmpadas actuais por lâmpadas que respeitem os valores exigidos para a conservação dos bens expostos, e simultaneamente melhorando o seu posicionamento. Para um completo controle da luz natural nos espaços expositivos, os vidros das janelas deveriam apresentar filtros UV e IV (remodelação a longo prazo).
- Instalação de câmaras de videovigilância e detectores de intrusão nas áreas expositivas.
- Criação de uma ou mais saídas de emergência ao longo do percurso expositivo, com a respectiva sinalização.
- Instalação de sinalética de percurso para fácil orientação dos visitantes no Museu.

2.2. Espaços de reserva

Factores de risco

- Espaços adaptados, sem condições termohigrométricas ou lumínicas adequadas.
- Inexistência de equipamentos de monitorização e controle termohigrométrico.
- Falta de equipamentos para armazenamento adequado das peças.
- Falta de um plano de manutenção permanente.
- Escassez de extintores e detectores de incêndio.
- Falta de controlo das entradas nestes espaços.
- Há peças em reserva não inventariadas.
- Não há registo das peças que entram ou saem destas salas.

Medidas a tomar

- Dotar novos espaços com condições ambientais adequadas para receber as peças em reserva.
- Planificação e aquisição de um sistema de controle da humidade relativa e temperatura para as reservas, assim como de aparelhos de monitorização.

- Impedir a entrada de luz natural nestes espaços, procurando que se mantenham na escuridão sempre que não sejam acedidos; mudar o sistema de iluminação.
- Fazer um estudo das necessidades de armazenamento de cada tipologia a conservar em reserva, de forma a dotar as reservas de equipamentos apropriados ao correcto acondicionamento das peças.
- Fazer um plano para a manutenção regular das reservas.
- Instalação de extintores e detectores de incêndio nas reservas.
- Verificar o correcto funcionamento das fechaduras das entradas nas reservas, das quais apenas a Directora/Conservadora deve determinar a posse das chaves.
- Proceder à completa inventariação das peças em reserva, assim como à listagem da localização de cada uma nestes espaços (o processo de Inventariação do acervo em geral está actualmente em curso, sendo as reservas catalogadas após as peças em exposição).
- Nas salas de reserva deve existir um registo de todas as entradas e saídas de peças.

3. Acervo

Factores de risco

- Variações termohigrométricas intensas e inexistência de sistema de climatização (com excepção de três desumidificadores).
- Iluminação inadequada e difícil controlo da entrada de luz natural.
- Más condições de armazenamento de parte do acervo.
- Dificuldades de acesso a grande parte do acervo imóvel (como sejam os retábulos e altares em talha dourada, cujo tardo é inacessível), o que impede a sua completa limpeza, monitorização e manutenção.
- Falta de segurança contra roubo e vandalismo, nomeadamente pela inexistência de alarmes.
- Inexistência de videovigilância e escassez de vigilância humana nas áreas expositivas, sendo nula durante a noite.
- Falta de barreiras entre o público e os objectos expostos.
- Grande parte do acervo está ainda por inventariar.

Medidas a tomar

- Planificação e aquisição de um sistema de controle da humidade relativa e temperatura, assim como de mais aparelhos de monitorização.
- Total remodelação da iluminação utilizada, substituindo as lâmpadas actuais por lâmpadas que respeitem os valores exigidos para a conservação dos bens expostos e

redireccionando o seu posicionamento para que não incidam directamente sobre os objectos. Para um completo controlo da luz natural nos espaços expositivos, os vidros das janelas deveriam apresentar filtros UV e IV (remodelação a longo prazo). Deve dar-se particular atenção à iluminação das vitrines.

- Rever os equipamentos de exposição e armazenamento existentes, procurando corrigir eventuais problemas de acondicionamento dos objectos.
- Realizar um plano de inspecção detalhada regular dos bens imóveis, atendendo a quaisquer problemas que possam surgir a partir das zonas inacessíveis.
- Instalação de alarmes contra intrusão em locais chave da zona expositiva e das reservas.
- Instalação de um sistema de videovigilância nas áreas expositivas.
- Contratação de um vigilante nocturno para o Museu (medida a longo prazo, dada a situação actual).
- Criação de barreiras, físicas e psicológicas, que impeçam ou dificultem o acesso do público aos objectos expostos.
- Conclusão da inventariação de todo o acervo existente no MSML.

4. Factor humano

Factores de risco

- A inexistência de um sistema de videovigilância aumenta o risco de roubo ou vandalismo.
- Escassez de vigilância humana durante o horário de abertura e inexistência de vigilância humana nocturna.
- A inexistência de barreiras de protecção dos bens expostos potencia o vandalismo e descuidos acidentais. Há uma tentativa de acompanhar o mais possível os visitantes para prevenir este tipo de problemas, mas dada a escassez de pessoal não é possível vigiar todo o Museu em permanência.
- Não há um limite definido do número de visitantes por grupo, o que pode causar excesso de pessoas por sala e provocar potenciais riscos para o acervo: contacto directo com obras expostas, danificando-as; aumento da humidade relativa no espaço; excesso de vibrações no edifício; dificuldades no controle de roubo e vandalismo; surgimento de situações de pânico nas salas mais apertadas (situação limite).
- Não há preparação dos funcionários do Museu para o caso de numa emergência ser necessário remover peças do local onde se encontram.

Medidas a tomar

- Implementação de um sistema de videovigilância;
- Contratação de mais pessoal de vigilância, nomeadamente um vigilante nocturno;
- Criação de barreiras físicas e psicológicas que impeçam o contacto directo do público com os bens expostos;
- Estabelecimento de um número limite de visitantes por grupo, e consequente divisão de grupos que ultrapassem esse limite;
- Criação de um Plano de Emergência e preparação dos funcionários do Museu para enfrentar uma eventual situação de pânico.

III – Normas e procedimentos

As normas e procedimentos aqui definidos têm como objectivo alertar e orientar toda a equipa do Museu no sentido da preservação e protecção dos bens culturais do mesmo. Desta forma, todos os funcionários do Museu devem agir de acordo com princípios comuns, contribuindo para a diminuição dos factores de risco assinalados no capítulo anterior deste documento.

1. Segurança

Está presentemente a ser elaborado um Plano de Segurança e Emergência para o MSML, no qual as normas e procedimentos relativos à segurança serão analisados de forma mais detalhada. É fundamental a articulação entre o referido Plano e o presente documento, no sentido de permitir uma boa orientação dos funcionários do Museu em caso de emergência.

No presente documento são explícitas as normas e procedimentos relativos à segurança interna do MSML durante o horário de trabalho dos funcionários (aberto ou não ao público). Os principais riscos aqui contemplados são a intrusão, roubo, vandalismo e agressão física.

a) Vigilante⁵⁷

Os equipamentos automáticos de vigilância a serem implantados no futuro não substituem na totalidade a presença de vigilância humana. No caso da contratação de um vigilante ou segurança, deverá ser formulado um Manual de Normas e Técnicas de Serviço para a sua orientação, devidamente adaptado à realidade do MSML.

De uma forma geral, na ausência de um vigilante todos os funcionários do Museu devem cumprir esse papel, zelando pelo cumprimento das normas gerais de funcionamento do Museu e pela integridade do espaço e dos bens que o integram.

b) Recepcionista

Na ausência de vigilante no Museu, o(a) recepcionista deve dentro do possível substituí-lo nas suas funções de vigilância do espaço museológico. No entanto, o exercício de tais funções não deve implicar uma distanciação e ausência demorada do seu local de trabalho.

⁵⁷ Não contemplado no actual Quadro de Pessoal do Museu.

O(a) recepcionista é responsável pela ligação dos sistemas de iluminação e outros necessários à abertura do Museu ao público. É também da sua responsabilidade o controle dos pagamentos efectuados na Recepção, quer relativos à Bilheteira quer à venda de artigos.

Na ausência do(a) recepcionista, a Directora/Conservadora poderá destacar outros funcionários do Museu para realizar as referidas funções.

c) Telefones

O serviço telefónico do Museu é feito através de um telemóvel. Este nunca deve ser levado para fora dos limites do Museu, uma vez que é utilizado pelo público nas ocasiões em que não se encontra ninguém na Recepção⁵⁸. O Museu pode ainda ser contactado por email, por fax ou através do telefone da Casa do Povo.

O telemóvel do Museu serve apenas para serviço do mesmo, podendo ser utilizado nesse sentido por qualquer funcionário ligado à Vigilância, Recepção, atendimento ao público ou Conservação do Museu. O telemóvel deve encontrar-se sempre junto de um destes funcionários, e na sua ausência deve ficar na Recepção ou no Gabinete Técnico.

Excepcionalmente, em caso de urgência ou pedido justificado, a Directora/Conservadora pode permitir a utilização do telemóvel para outros fins, inclusive a outros funcionários do Museu.

d) Chaveiros

Os chaveiros existentes na Recepção são apenas acedidos pela Directora/Conservadora do Museu e funcionários por ela discriminados.

Todas as chaves guardadas nos chaveiros devem apresentar a respectiva identificação.

Os funcionários que necessitem de aceder com frequência a zonas específicas do Museu poderão ter cópias das respectivas chaves. Os funcionários responsáveis pela abertura e encerramento do Museu deverão igualmente ter cópias das chaves do mesmo. A distribuição de chaves, assim como a realização de cópias, é feita exclusivamente pela Directora/Conservadora do Museu.

⁵⁸ O número do telemóvel encontra-se disponibilizado à entrada do Museu, no exterior, para facilitar a mobilidade dos funcionários relativamente à Recepção.

Deve existir no Museu uma relação de todas as chaves existentes (quer nos chaveiros quer na posse de Funcionários do Museu).

e) Movimento de pessoas – controlo de acessos

A circulação de pessoas estranhas no Museu deve ser sempre feita através da Recepção (ou futuras entradas públicas), sendo expressamente proibida a sua entrada em locais não públicos, com excepção de situações de emergência ou por autorização expressa da Directora/Conservadora do Museu. A esta regra são excepções os alunos e funcionários do Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas, que podem aceder ao Museu pela ligação ao Colégio, desde que com autorização da Directora/Conservadora do Museu. Em situações excepcionais, os vigilantes e recepcionistas do Museu devem ser informados antecipadamente.

No espaço exterior pertencente ao Museu, junto à entrada principal, não é permitido o depósito de volumes alheios ao Museu, venda de produtos nem transacções de qualquer espécie⁵⁹. O MSML reserva-se o direito de solicitar o abandono do local a pessoas que o frequentem injustificadamente ou para fins ilícitos⁶⁰.

f) Visitantes

Por visitante entende-se qualquer pessoa com interesse em visitar o Museu e/ou usufruir dos seus serviços (oficinas, cursos, etc.). A circulação dos visitantes no Museu restringe-se aos espaços públicos ou aos espaços destinados às actividades em questão. O acesso de visitantes a zonas não públicas só pode ser autorizado pela Directora/Conservadora, devendo os mesmos ser acompanhados por um funcionário do Museu. Os vigilantes e recepcionistas devem neste caso ser avisados da situação. O MSML reserva-se o direito de recusar a entrada de visitantes que se façam acompanhar por objectos que, não podendo por tamanho ou natureza circular em segurança pelo Museu, não possam também ser guardados em segurança.

⁵⁹ Exceptuam-se eventuais vendas promovidas pelo MSML em seu benefício.

⁶⁰ Por fins ilícitos entendem-se todas aquelas acções que vão contra a Lei Portuguesa, os princípios morais socialmente estabelecidos ou o Regulamento do MSML, inclusive as normas expressas no presente documento.

2. Monitorização e controlo ambiental e biológico

A monitorização e controlo ambiental e biológico são da responsabilidade da Conservadora do Museu, podendo esta delegar algumas tarefas a outros técnicos desde que com a sua supervisão.

Deve ser feita regularmente a monitorização e controle de todos os factores de risco ambiental e biológico presentes no Museu⁶¹: Humidade Relativa, Temperatura, Luz, Poluentes⁶² e Pragas.

Na insuficiência de aparelhos de medição termohigrométrica, deve ser feito um plano de rotatividade para os mesmos, de forma a que se possam obter dados em todos os locais necessários.

2.1. Luz

As seguintes recomendações são apenas linhas de orientação, devendo-se em qualquer caso procurar sempre reduzir ao máximo os níveis de iluminação e os tempos de exposição à luz.

a) Nunca devem ser ultrapassados os valores máximos de iluminação recomendados para cada tipo de peça. No caso de conjuntos heterogéneos, devem ser sempre respeitados os valores da peça mais sensível. A boa visibilidade das peças é de extrema importância no contexto museológico, mas não deve nunca sobrepor-se à conservação das mesmas; deve ser encontrado um equilíbrio entre a visibilidade e a segurança da peça.

Os seguintes valores nunca devem ser ultrapassados:

- materiais mais sensíveis: 50 lux;
- materiais menos sensíveis: 150 lux;
- restantes espaços museológicos: 300 lux.

A tabela seguinte⁶³ apresenta as condições de exposição ideais para diferentes tipologias de objectos. Note-se que existem variantes dentro de cada tipologia,

⁶¹ O MSML ainda não possui os equipamentos necessários à monitorização da iluminação e da poluição.

⁶² Não existem estudos acerca da existência ou não de poluentes no Museu.

⁶³ Plano Museológico do Museu de Santa Maria de Lamas, pp. 58-59.

dependendo dos materiais constituintes; por isso é recomendado ter sempre como guia os materiais mais frágeis.

MATERIAIS	TEMPERATURA	HUMIDADE RELATIVA	INTENSIDADE DA LUZ
Desenhos, gravuras, pergaminho, Aguarelas, Livros, Iluminuras	18º-20º	50-55%	45-50 Lux
Tecidos - Texteis	+/- 20º	50%	45-50 Lux
Biombos	+/- 20º	55-60%	+/- 55 Lux
Peças em Laca	20º-22º	50-60%	80-90 Lux
Fotografias - Películas	18º-19º	+/- 40%	50-60 Lux
Placas de Marfim Marfim maciço - Osso	+/- 20º	55-60%	90-100 Lux
Esmaltes – Peças em Tartaruga ou madrepérola	+/- 20º	+/- 55%	+/- 100 Lux
Pintura sobre tela Pintura sobre madeira	20º-22º	+/- 55%	100-120 Lux
Mobiliário Escultura em madeira dourada e estofada	+/- 20º	+/- 55%	80-100 Lux
Escultura em pedra, Vidros – Cerâmica -Azulejos	+/- 20º	+/- 50%	+/- 200 Lux

Peças em prata ou ouro Jóias	+/- 20°	+/- 50%	150-200 Lux
Moedas	18°-20°	+/- 30%	80-100 Lux
Metais - Armas	18°-20°	+/- 30%	100-150 Lux
Espécies Etnográficas	+/- 20°	40-45%	80-100 Lux
Instrumentos Musicais	+/- 20°	45-50%	+/- 100 Lux

Tabela 1 - Condições de Exposição de diferentes Suportes e Materiais

NOTA: Deve ser tido em conta que a sensibilidade das peças aumenta com a degradação, pelo que peças mais deterioradas devem ser sujeitas a valores lumínicos inferiores aos das suas congéneres melhor conservadas. Em casos extremos de degradação pela luz as peças respectivas devem ser retiradas da exposição.

b) As salas só devem ser iluminadas quando necessário, para diminuir o tempo de exposição do objecto à luz; as vitrines só devem ser iluminadas aquando da chegada dos visitantes. Para circulação do pessoal do Museu, devem ligar-se à partida apenas as luzes fundamentais para evitar qualquer acidente. As reservas devem permanecer na obscuridade total quando não estão a ser acedidas; os interruptores nas reservas devem situar-se junto às entradas e saídas, evitando a circulação às escuras.

c) Todas as fontes de iluminação existentes devem estar o mais isentas possível de radiações UV e IV. Se possível, as entradas de luz natural nas áreas expositivas devem ter filtros de protecção solar. No caso de impossibilidade de eliminar ou filtrar a luz natural, devem ser mantidas em permanência as cortinas em pano cru em todas as aberturas. No caso da iluminação artificial, devem ser escolhidas lâmpadas adequadas. A luz não filtrada, natural ou artificial, nunca deve incidir directamente sobre os objectos.

d) Os níveis de iluminação devem ser monitorizados aquando da primeira colocação e em cada substituição das lâmpadas ou filtros. Deve ser feita uma medição regular dos níveis de radiação ultravioleta, pois certas lâmpadas tendem a aumentar a emissão de radiação com o envelhecimento⁶⁴. Os filtros ultravioletas (se existentes) devem ser verificados periodicamente, e quando necessário substituídos. A monitorização das radiações Infra-vermelhas pode ser feita com um termómetro.

e) Não devem ser usadas lâmpadas com mercúrio nos espaços expositivos, pois a eventual libertação de mercúrio é prejudicial à saúde humana e dissolve os metais, nomeadamente a prata e o ouro.

⁶⁴ Esta monitorização não é actualmente prioritária, visto que para tal o Museu teria que adquirir um aparelho adequado à medição de radiação UV.

2.2. Humidade Relativa e Temperatura

2.2.1. A monitorização regular da humidade relativa e da temperatura é essencial para a caracterização das condições ambientais no interior do Museu ao longo do tempo. Os valores obtidos devem ser comparados com os valores do ambiente exterior do Museu.

2.2.2. Os aparelhos de medição de temperatura e humidade relativa devem ser verificados e, se necessário, calibrados periodicamente⁶⁵.

2.2.3. Os aparelhos de monitorização ambiental não devem ser colocados perto de aquecedores, aberturas de acesso ao exterior frequentemente utilizadas ou sob luz solar directa. Visto que o pretendido é uma leitura geral do ambiente no espaço, e não num ponto específico da sala, a proximidade de qualquer destes elementos poderá falsificar os resultados da medição.

2.2.4. Como controle passivo da temperatura e humidade relativa deve-se:

- a) Calafetar portas e janelas para diminuir as variações termohigrométricas;
- b) Examinar periodicamente o conjunto museológico, detectando e eliminando problemas como infiltrações, fugas de água, problemas de drenagem, esgotos, vidros partidos, falta de calafetagem em portas e janelas, etc.;
- c) Limitar o número de pessoas em função do tamanho dos espaços;
- d) Evitar a proximidade dos objectos a fontes de calor (focos, luz solar directa, aquecedores, etc.), aberturas para o exterior usadas com frequência e paredes exteriores (com mais tendência a humidade e infiltrações).
- e) Colocar filtros ou cortinas de pano cru nas janelas para impedir o aumento da temperatura.
- f) Recorrer a absorventes como a sílica gel ou o Art-sorb® para controlar a humidade relativa no interior das vitrines.

2.2.5. O controle activo dos factores termohigrométricos pode ser feito através de desumidificadores, aquecedores, ar condicionado ou absorventes.

2.2.6. O controle termohigrométrico no Museu deve seguir as seguintes directrizes:

⁶⁵ Os termohigrómetros e termohigrógrafos podem ser calibrados com a ajuda de um psicrómetro.

a) Só é possível obter informações fiáveis sobre as condições ambientais do Museu após um ano de medições (dadas as variações Verão / Inverno, etc.). Ao fim desse tempo, devem ser estabelecidos os valores normativos a alcançar em cada espaço, dependentes do tipo de clima, do tipo e estado de conservação dos materiais presentes e do tipo e estado de conservação do espaço.

b) Antes de proceder a quaisquer correcções climáticas é preciso ter em conta, para além destes factores, as capacidades do equipamento de controle ambiental e a capacidade económica do Museu para sustentar os gastos recorrentes a título permanente. Uma vez alcançados os valores termohigrométricos predefinidos é fundamental mantê-los estabilizados.

c) Quaisquer correcções que se pretenda fazer no clima interno do Museu devem ser feitas gradualmente, sem oscilações bruscas. As oscilações não podem ultrapassar 10% num período de 24 horas, sob o risco de degradar irreversivelmente os bens.

2.2.7. Os bens culturais reagem de formas distintas à humidade relativa, pelo que por vezes não é fácil adequar este parâmetro a objectos distintos que partilham o mesmo espaço. Como tal, é necessário considerar que:

a) Humidade relativa acima de 65% é prejudicial à maioria dos materiais, e se conjugada com temperaturas superiores a 18°C favorece o aparecimento de organismos e microorganismos.

b) Os materiais orgânicos, sobretudo os celulósicos, podem deteriorar-se devido a valores de humidade relativa inferiores a 40% (libertam a humidade intrínseca, perdendo flexibilidade e quebrando internamente).

c) Para evitar a corrosão dos metais, a humidade relativa deve ser inferior a 30%.

No caso de objectos constituídos por diversos materiais é necessário encontrar um equilíbrio que permita a conservação de todos os estratos da obra.

2.2.8. O sistema de climatização deve ficar ligado em permanência, pois a inactividade nocturna pode provocar graves variações termohigrométricas. Este facto tem um peso determinante no que respeita aos gastos financeiros do Museu, que tem que estar preparado para tal.

2.2.9. A instalação dos equipamentos de controlo ambiental não reduz a necessidade de monitorização ambiental.

2.3. Poluentes

Deve ser feita uma monitorização regular dos poluentes no interior do Museu, obedecendo aos seguintes procedimentos⁶⁶:

- a) Analisar anualmente a qualidade do ar, recorrendo a uma instituição/empresa qualificada;
- b) Se os resultados da análise anual o justificarem, fazer a detecção semestral de poluentes com equipamentos simples próprios para o efeito;
- c) Observar ao longo do tempo a velocidade de acumulação do pó sobre os bens culturais (avaliável pela frequência da necessidade de limpeza);
- d) Observar regularmente os objectos expostos ao ar, procurando possíveis alterações provocadas por poluentes;
- e) Evitar a realização, nas áreas expositivas e de reservas, de trabalhos que possam originar poluição;
- f) As portas e janelas para o exterior devem ser calafetadas e permanecer fechadas tanto quanto possível;
- g) O sistema de climatização deve possuir filtros contra poluentes, os quais devem ser limpos regularmente;
- h) Materiais libertadores de poluentes (nitratos de celulose, madeiras, etc.) devem estar separados dos objectos mais sensíveis a este tipo de degradação.
- i) Novos materiais integrados no Museu devem ser isentos de libertação de poluentes.
- j) Nas vitrines, em caso de necessidade, podem ser usados materiais adsorventes de poluentes, tais como o carvão activado.

⁶⁶ Visto que ainda não existem estudos sobre a presença de poluentes no Museu, estas recomendações encontram-se dependentes de análises a realizar, sendo que o seu carácter prioritário ou simplesmente preventivo dependerá dos respectivos resultados.

2.4. Controlo biológico

O controlo biológico deve ser feito, antes de mais, no sentido da prevenção, evitando danos no espaço e acervo e também reduzindo as despesas do Museu. Os produtos químicos devem ser evitados o mais possível. O controlo preventivo deve ser feito da seguinte forma:

a) Controlar as condições ambientais de forma a inibir o aparecimento e desenvolvimento de agentes biológicos⁶⁷.

b) Isolar devidamente todas as aberturas para o exterior.

c) Eliminar fendas das paredes, chão ou cavidades afins.

d) Fazer uma monitorização regular com um controlo visual cuidado dos objectos, procurando indícios de ataque biológico; prestar particular atenção a fendas, infiltrações, aparelhos de ar condicionado, equipamentos eléctricos e instalações sanitárias⁶⁸ (locais preferenciais de surgimento de pestes).

e) Garantir a limpeza de todos os espaços no interior do Museu, mas também da área exterior envolvente.

f) Verificar regularmente o estado de conservação do edifício, em particular as áreas de preparação e consumo de alimentos e os locais de depósito de lixos.

g) Remoção diária dos lixos existentes no edifício, e limpeza regular dos contentores.

h) Proibição de comer e beber nas áreas expositivas e de reserva.

i) Proibição dos visitantes trazerem para os espaços expositivos materiais susceptíveis de provocar uma infestação.

j) Em último caso, pode-se recorrer a desinfecções periódicas do edifício e obras em risco; este tipo de acção poderia ser feita a cada cinco anos, visto ser este o limite do poder preventivo da generalidade dos desinfestantes.

O ataque biológico deve ser minimizado através de métodos não intrusivos, sendo a intervenção química a última medida a tomar.

a) O orçamento anual deve contemplar eventuais gastos no controlo de infestações.

b) Antes de combater uma infestação é necessário procurar identificar os agentes e a gravidade da mesma, de forma a aplicar a metodologia mais adequada.

⁶⁷ Esta recomendação é apenas possível de executar após a instalação de um sistema de controle da temperatura e humidade relativa no Museu.

⁶⁸ O ar condicionado e as instalações sanitárias ainda não existem no MSML.

c) Podem utilizar-se armadilhas para detectar os agentes biológicos presentes;

d) Um objecto sob suspeita de ataque biológico deve ser imediatamente isolado, meticulosamente inspeccionado e posto em quarentena; confirmando-se o ataque deve ser sujeito o quanto antes a um tratamento de desinfestação.

e) A desinfestação dos objectos deve ser feita, preferencialmente, com o método da exposição a baixas temperaturas ou com uma câmara de anóxia; não obstante, a escolha do método variará consoante cada caso, sendo que não é possível na maioria dos casos excluir a intervenção química.

f) Uma infestação em larga escala pode ser combatida com o auxílio de uma empresa especializada, devendo sempre ser acompanhada por um técnico de Conservação e Restauro.

NOTA: É fundamental ter em conta os químicos a usar nas diversas zonas do Museu, considerando o tempo necessário para que o ar possa ser respirado em segurança.

g) A desinfestação geral não viabiliza o descuido das medidas preventivas referidas anteriormente.

3. Manutenção do equipamento

- a) Devem ser feitas inspecções regulares para detectar eventuais problemas no equipamento;
- b) Qualquer arranjo necessário deve ser feito por um profissional habilitado;
- c) Todos os equipamentos de segurança devem ser examinados periodicamente por entidades ou empresas especializadas, de forma a garantir o seu correcto funcionamento numa situação de emergência;
- d) Os equipamentos de controlo termohigrométrico devem ser observados periodicamente por um técnico especializado, nunca esquecendo a necessidade de manutenção e substituição regular dos respectivos filtros.

4. Materiais, equipamentos, sistemas de exposição e reserva e organização dos espaços

NOTA: Estas recomendações destinam-se sobretudo a orientar a escolha e instalação de novos equipamentos. Naturalmente, estas regras não são aplicáveis aos equipamentos já existentes no Museu, podendo este realizar novas exposições e acondicionar peças aproveitando os mesmos. No que respeita às Reservas, procura-

se orientar a criação de novos espaços ou a melhoria das condições dos espaços existentes.

4.1. Exposição

a) Sempre que for realizado um projecto para novas exposições ou para alterar a exposição permanente, o estado de conservação dos objectos deve determinar a forma de exposição. Se o estado de conservação não o permitir, os objectos não devem ser expostos.

b) Deve ter-se sempre em conta o tempo de duração da exposição, podendo este ser alterado consoante o estado de conservação dos objectos.

c) As condições ambientais e de iluminação nas salas de exposição devem respeitar os níveis de segurança impostos para todos os objectos expostos simultaneamente⁶⁹. Deve ser nomeado um responsável para periodicamente, durante a exposição, registar e avaliar os respectivos valores; este deverá também certificar-se do estado e funcionamento dos aparelhos, comunicando imediatamente qualquer anomalia à Conservadora do Museu.

d) Na realização de vitrines ou suportes novos para peças, deve evitar-se a presença de madeira em contacto com os objectos, pois pode libertar ácidos prejudiciais à sua conservação. Aconselha-se a escolha de materiais como acrílico, vidro, aço inoxidável, etc. Em último caso, devem ser escolhidas madeiras menos ácidas e mais secas.

e) Todo o espaço expositivo e respectivos equipamentos devem estar cuidadosamente limpos aquando da colocação das peças.

f) É aconselhável a colocação de um filme de protecção entre os objectos expostos e a superfície sobre a qual serão colocados.

g) Todos os equipamentos expositivos – vitrines, plintos, prateleiras e outros -, assim como os materiais utilizados na sua instalação, devem ser estáveis, sólidos e inertes, garantindo o correcto acondicionamento dos objectos. Deve sempre ter-se em conta a segurança, volume, peso e características particulares de cada objecto. Para além disso, não deve haver interferências estéticas na visualização dos objectos, procurando-se equipamentos esteticamente neutros e enquadrados no contexto expositivo envolvente.

h) Quaisquer sistemas de fixação dos objectos devem respeitá-los integralmente, não podendo de forma alguma modificá-los. Devem ser escolhidos sistemas que permitam

⁶⁹ Medida aplicável apenas após instalação de sistema de controle termohigrométrico.

a montagem e desmontagem em plena segurança para as peças, garantindo a sua perfeita estabilidade durante a exposição.

i) Os objectos expostos em superfícies lisas e deslizantes devem ser devidamente travados; no Museu não podem ser permitidas acções que possam produzir choques ou vibrações danosas para os objectos.

j) As novas vitrines deverão ser seguras contra roubo e vandalismo; a estanquicidade é importante para manter as condições ambientais apropriadas no seu interior. Se possível, quando se justifique, as vitrines devem possuir compartimentos para sistemas de medição e controle dos factores ambientais, podendo estes ser acedidos sem a abertura da vitrine; devem igualmente possuir compartimentos similares para o sistema de iluminação.

k) Ao expor objectos fora das vitrines deve ser tida em conta a sua segurança face ao público. Para além da vigilância presencial, devem procurar-se, consoante o caso, outros sistemas, como barreiras de protecção físicas, barreiras psicológicas, etc.

l) A colocação dos objectos no contexto expositivo deve evitar locais próximos de saídas de ar, portas e janelas de utilização frequente e outros elementos passíveis de alterar substancialmente as condições ambientais.

m) Durante qualquer exposição, deve ser feita uma monitorização periódica para avaliar as condições ambientais, de segurança e de conservação dos objectos expostos.

4.2. Reservas

a) Para além de respeitar as normas conservativas para os diferentes objectos, as reservas têm também que permitir um acesso lógico e fácil a cada objecto e possuir espaço suficiente para, a qualquer altura, receber novos objectos.

b) As reservas são para armazenamento exclusivo de bens culturais pertencentes ao acervo do MSML; quaisquer outros objectos deverão ser armazenados noutros locais.

c) As passagens existentes deverão ser suficientemente largas para permitir uma boa acessibilidade.

d) A organização das reservas deve ser feita de acordo com a divisão das colecções, e dentro de cada uma por sub-tipologias. A ordenação dos subgrupos poderá seguir critérios segundo os materiais, a cronologia, dimensões, forma, peso, origem, etc.

e) Deve existir uma planta, actualizada periodicamente, com todo o conteúdo das reservas e a localização de cada objecto. Podem ainda ser assinaladas as peças que necessitem de tratamento de conservação e restauro urgente.

- f) Os objectos em reserva devem estar identificados com um número de inventário, visível sem implicar o manuseamento do objecto.
- g) O equipamento de armazenamento deve seguir as mesmas regras que o equipamento expositivo (ver 4.1., g).
- h) Os pequenos objectos podem ser armazenados em caixas, gavetas, tabuleiros, armários, prateleiras, etc., devendo existir em cada um destes equipamentos uma lista de tudo o que contém; certos objectos de dimensões reduzidas poderão ser acondicionados em sacos de plástico micro-perfurados, desde que devidamente identificados.
- i) Todos os objectos devem ser colocados em lugar próprio, e nunca nas zonas de passagem.
- j) Os objectos devem ser colocados a pelo menos 10 cm do solo, para evitar embates e ressalvá-los de possíveis inundações.
- k) Devem existir equipamentos de segurança nas reservas, nomeadamente detectores de incêndio e extintores em locais facilmente acessíveis.
- l) Se possível, as portas devem ser estanques e corta-fogo.
- m) As chaves das portas das reservas deverão ficar a cargo da Conservadora do Museu.
- n) No exterior das reservas deve existir uma área de quarentena, para armazenar provisoriamente peças atacadas por agentes biológicos.

5. Limpeza de espaços, equipamento e acervo

5.1. Espaços e equipamento

- a) Deve ser feita uma limpeza regular de todos os espaços do edifício, atendendo assim à sua manutenção constante;
- b) A limpeza nas proximidades dos bens culturais (equipamentos de suporte, armazenamento, etc.) deve ser feita com cuidados redobrados.
- c) Quando a limpeza implicar o manuseamento de bens culturais, este deve ser feito por pessoal técnico ou na presença da Conservadora.
- d) Os responsáveis pela limpeza devem alertar a Conservadora para quaisquer problemas ou anomalias que observem nos bens culturais, no equipamento ou no próprio espaço museológico.
- e) A limpeza superficial de bens culturais não poderá ser feita sobre objectos fragilizados; em qualquer caso devem ser usados panos ou espanadores

extremamente macios, e nunca água, solventes ou quaisquer outros produtos de limpeza.

f) É aconselhada a limpeza dos espaços com aspirador, pois a vassoura não elimina o pó.

g) Ao utilizar aspirador, enceradora ou equipamentos afins, deve-se evitar choques mecânicos, quer em bens culturais quer nos equipamentos em contacto com eles.

h) Os pavimentos devem ser lavados apenas com água; em caso de necessidade, devem ser usados detergentes adequados (alguns produtos comerciais contém substâncias prejudiciais aos bens culturais).

i) A lavagem dos pavimentos deve ser feita com o mínimo possível de água, para não alterar substancialmente a humidade relativa do ar; deve procurar-se secar a superfície lavada, nomeadamente com um aspirador de água.

j) A lavagem pressupõe o extremo cuidado com os objectos em contacto com o solo, evitando sempre o contacto com o líquido.

k) Superfícies em vidro, acrílico, etc. devem ser lavadas com água ou produtos adequados (escolhidos com o aval da Conservadora).

l) Os objectos removidos para a lavagem do espaço só devem ser recolocados quando a superfície estiver completamente seca.

m) Deve ser feito um plano anual de limpeza profunda para todas as áreas do Museu, de forma a que cada uma seja limpa a fundo pelo menos duas vezes por ano; é de considerar que nos espaços expositivos e de reserva esta limpeza poderá exigir a presença de pessoal técnico e/ou da Conservadora.

n) A Conservadora tem a responsabilidade de explicar estas regras aos funcionários da limpeza, velando pelo seu cumprimento.

5.2. Acervo

a) O acervo deve ser constantemente monitorizado para avaliar as necessidades de limpeza; a monitorização pode ser feita por todos os funcionários do Museu, que devem comunicar os fenómenos observados à Conservadora, para que esta possa decidir as medidas a tomar.

b) Quando possível, os objectos devem ser protegidos para evitar a necessidade de limpeza directa (vitrines, etc.).

c) A decisão de proceder à limpeza deve ser ponderada, tendo em conta as características do objecto, o estado de conservação e os métodos e produtos a utilizar.

d) O acervo deve ser limpo por pessoal especializado ou sob a supervisão deste.

e) A escolha dos métodos e produtos de limpeza do acervo é da competência do técnico responsável pela intervenção, sujeitando-se no entanto ao parecer determinante da Conservadora do Museu.

6. Circulação de bens culturais

6.1. Manuseamento

- a) É de evitar o manuseamento e a circulação desnecessária dos bens culturais.
- b) Deve ser feito um quadro com níveis de permissão de manuseamento para cada tipologia de objectos, atendendo aos materiais constituintes, fragilidade, estado de conservação, raridade e valor artístico, científico, educacional ou monetário.
- c) O manuseamento é uma actividade de risco para o objecto, e por vezes também para os manuseadores. Por esse motivo, não pode ser permitida a realização de qualquer outra acção em simultâneo com o manuseamento de bens culturais (por exemplo, falar ao telefone ou comer).
- d) Devem ser usadas luvas durante o manuseamento, protegendo os objectos das substâncias libertadas pela pele. O tipo de luvas a usar varia consoante a tipologia e tamanho dos objectos; não devem ser usadas luvas de algodão para manusear objectos muito pequenos e escorregadios. As luvas devem ter o tamanho certo, para diminuir o risco de deixar escorregar o objecto.
- e) As luvas devem ser substituídas regularmente, sobretudo quando se manuseia objectos de diferentes características.
- f) Se excepcionalmente não for possível usar luvas, o manuseador deve lavar e secar bem as mãos antes e depois do manuseamento, recordando que alguns objectos poderão conter materiais prejudiciais à saúde.
- g) Antes do manuseamento, o objecto deve ser observado de forma a identificar os seus pontos frágeis: o objecto não deve ser agarrado por zonas salientes (asas, braços, bordos, pegos, etc.) ou vulneráveis (zonas restauradas, em risco de destacamento, etc.). Deve também ser avaliada a existência de fracturas ou fissuras, para evitar a fragmentação do objecto ao levantá-lo.
- h) As partes articuladas ou móveis dos objectos não devem ser manuseadas sem necessidade.
- i) Os componentes mais pequenos de objectos compósitos (tampas, etc.) devem ser retirados antes do manuseamento.
- j) O manuseamento deve ser sempre feito com as duas mãos; os objectos pequenos devem ser seguros com uma mão e protegidos com a outra.

- k) Nunca podem ser manuseados dois objectos simultaneamente.
- l) Durante o manuseamento não é recomendada a presença de utensílios afiados ou com tinta nas proximidades do objecto, assim como o uso de adereços pessoais passíveis de se enganchar no mesmo. É aconselhável o uso de bata.
- m) É expressamente proibido o uso de fitas adesivas, plasticinas ou quaisquer produtos colantes em contacto directo com os objectos.
- n) Objectos com equilíbrio instável devem ser munidos de um travão.
- o) Os objectos nunca devem ser arrastados. Antes de mover objectos pesados ou de grandes dimensões deve ser tido em conta o número de pessoas necessário para o fazer em segurança; se disponíveis, deve recorrer-se a meios mecânicos (carrinhos, etc.).
- p) As operações de manuseamento devem ser cuidadosamente planeadas, garantindo a segurança dos objectos e das pessoas. A execução deve ser feita com movimentos lentos e sincronizados.
- q) As deslocações devem ser atentamente planeadas, tomando particular atenção ao tamanho das aberturas e à existência de escadas, mudanças de direcção e estreitamentos.
- r) Em caso de queda e fragmentação de um objecto, todos os fragmentos devem ser recolhidos e entregues à Conservadora do Museu; a ocorrência deve ser fotografada e registada.

6.2. Circulação interna

- a) A circulação de bens culturais dentro do Museu justifica-se nos seguintes casos:
 - 1. Exposição temporária;
 - 2. Rotação de objectos na exposição permanente;
 - 3. Reorganização da exposição permanente ou das reservas;
 - 4. Intervenções de conservação e restauro;
 - 5. Obras ou intervenções no espaço onde o objecto de encontra;
 - 6. Estudo físico do objecto;
 - 7. Levantamentos fotográficos;
 - 8. Investigação.

- b) Em qualquer caso deve ser feita uma avaliação prévia do estado de conservação dos objectos, podendo estes necessitar de uma intervenção antes da deslocação. Há ainda que ter em conta os riscos do transporte e as condições de segurança e conservação das novas localizações.

- c) O percurso que o objecto vai percorrer deve ser devidamente planeado, devendo estar absolutamente livre e desimpedido.
- d) A nova localização do objecto deve estar preparada para o receber, e se possível apresentar valores ambientais idênticos aos do local de saída⁷⁰.
- e) Quando se transportam objectos em tabuleiro ou suporte similar, estes devem ser colocados sobre uma base de material amortecedor (espuma, plástico de bolhas, etc.); a mesma protecção deve ser colocada entre os objectos.

6.3. Circulação externa

a) Só é permitida a circulação externa de bens culturais nas seguintes situações:

1. Exposição temporária fora das instalações do MSML;
2. Intervenções de Conservação e Restauro;
3. Situação de Empréstimo;
4. Necessidade de realizar exames técnicos que não possam ser feitos no Museu;

b) Os riscos inerentes à circulação externa devem ser minimizados o mais possível pelo cumprimento dos seguintes procedimentos:

1. Avaliação prévia do estado de conservação do objecto;
2. Correcto manuseamento;
3. Protecção do objecto com embalagem adequada;
4. Acompanhamento de todo o processo por técnicos ou pela Conservadora do Museu;
5. Escolha do transporte adequado e respectivo acondicionamento do objecto;
6. Certificação de que o local de destino apresenta boas condições ambientais e de segurança.

c) Quer o pessoal do Museu quer terceiros envolvidos no transporte e recepção das obras devem cumprir rigorosamente as normas de manuseamento, condições ambientais e de segurança.

d) Qualquer objecto que saia do Museu deve estar abrangido por um seguro que preveja todos os riscos da circulação externa.

e) Qualquer objecto que saia do Museu deve ser acompanhado por uma ficha de saída, com a respectiva descrição, data, estado geral de conservação, fotografia e

⁷⁰ Recomendação apenas possível após instalação de sistema de controle ambiental.

outros elementos que se entendam necessários. Deve permanecer no Museu uma cópia desta ficha.

f) As embalagens são concebidas especificamente para cada objecto (ou conjunto), adaptando-se ao seu estado de conservação e fragilidade; o objecto deve ficar o mais defendido possível de choques físicos, vibrações e súbitas variações termohigrométricas. Devem ser usados materiais de acondicionamento estáveis, quimicamente inertes e não abrasivos.

g) Deve procurar-se fazer embalagens com uma abertura simples, para facilitar a embalagem e desembalagem. Nas embalagens deve estar assinalado o local de abertura, a fragilidade do conteúdo e o sentido de manuseamento.

h) É fundamental estudar previamente todos os acessos e percursos dos objectos até ao local de destino, tendo em conta o tamanho e peso da embalagem.

i) Os meios de transporte utilizados devem proporcionar a máxima segurança aos bens culturais; se possível, é aconselhável recorrer a uma empresa especializada.

j) Os objectos devem estar immobilizados durante o transporte, sendo todos os espaços preenchidos com materiais amortecedores (esponja, plástico de bolhas, etc.).

k) Os objectos não devem estar em contacto directo com a esponja; deve colocar-se um filme de protecção ou papel de seda entre ambos.

l) No caso de empréstimo, o bem cultural deve ser acompanhado por um relatório com a descrição detalhada do mesmo e do seu estado de conservação no momento da saída do Museu.

m) A instituição à qual o objecto foi emprestado tem a obrigação de fornecer ao MSML registos das condições lumínicas e ambientais obtidos durante a exposição.

n) Qualquer anomalia identificada nos objectos emprestados deve ser de imediato comunicada ao MSML, não sendo permitidos quaisquer tratamentos de conservação e restauro sem autorização da Conservadora do mesmo.

o) Todas as medidas expressas devem ser igualmente aplicadas no processo de retorno da peça ao local de origem.

7. Formação de recursos humanos

O MSML procura, sempre que possível, incentivar a formação e actualização dos seus funcionários.

8. Público

8.1. Dentro do Museu, o público do MSML é obrigado a respeitar as seguintes normas, as quais devem estar bem explícitas, em local visível, à entrada do Museu:

- a) Os visitantes não podem entrar no espaço museológico com sacos, mochilas, guarda-chuvas ou outros objectos volumosos, os quais terão de ser entregues na Recepção.
- b) Não é permitido comer e beber⁷¹.
- c) Não é permitido fumar, excepto no exterior.
- d) Não é permitida a entrada de animais, qualquer que seja a espécie, no interior do Museu.
- e) Não é permitida a obtenção de filmes ou fotografias no interior do Museu, com excepção da Sala da Cortiça. Apenas a Conservadora do MSML pode abrir excepções a esta regra.
- f) Não é permitido o acesso aos espaços não públicos do Museu a pessoas não autorizadas.
- g) Não é permitido sujar ou danificar o espaço museológico nem o material – equipamento ou espólio – nele contido.

8.2. Normas específicas para as salas de exposição:

- a) Não é permitido tocar nos objectos expostos, excepto se houver indicação específica para tal (por exemplo, objectos para manuseamento).
- b) Aplicam-se as normas gerais de conduta explícitas em 8.1.

8.3. Perante o seu público, o MSML reserva-se os seguintes direitos:

- a) O Museu pode exigir a divisão dos grupos de visitantes se o seu número for considerado excessivo;
- b) Após uma advertência ignorada, os funcionários do Museu podem convidar a sair qualquer visitante que perturbe o normal funcionamento do mesmo; em caso de necessidade recorrer-se-á às autoridades policiais.
- c) Pode ser restringida a entrada de pessoas que se suspeite virem perturbar o normal funcionamento do Museu.

⁷¹ O Museu ainda não possui cafetaria ou espaço próprio para o efeito, embora este esteja em planificação.

d) O Museu pode adaptar estas regras consoante as necessidades e condicionantes de grupos específicos, podendo mesmo fazer a selecção do espólio a mostrar nessas visitas.

IV – Conclusão

O Museu de Santa Maria de Lamas encontra-se ainda em fase de reabilitação após um longo período de semi-adormecimento. Muitos dos seus problemas fulcrais foram já resolvidos ou melhorados, mas muito resta ainda por fazer. Os projectos actualmente existentes, nomeadamente o Projecto de Requalificação da Sala da Cortiça e zona adjacente, darão resposta a alguns dos principais problemas com os quais o MSML é ainda confrontado: será possível resolver em grande parte a questão das acessibilidades, recuperar espaços degradados do Museu e respectivo conteúdo expositivo, criar novos atractivos para o público e dotar o Museu de novas infra-estruturas essenciais ao seu desenvolvimento.

É importante salientar que para além dos projectos de intervenção física no espaço, estão também em curso projectos de intervenção conceptual e divulgativa que são fundamentais ao desenvolvimento de todas as actividades museológicas. Entre estes destacam-se: a criação de elementos multimédia, destinados nomeadamente a públicos com limitações motoras impossibilitados de visitar a totalidade do espaço museológico; a execução de réplicas manuseáveis de algumas peças principais do Museu, com o intuito de as dar a conhecer a públicos invisuais; a aposta na divulgação do Museu às principais entidades geradoras de visitas em grupo (escolas, universidades, Misericórdias, agências turísticas, etc.); a permanente actualização do site da Internet, www.museudelamas.pt, como veículo privilegiado de divulgação nacional e internacional; a criação de actividades e visitas temáticas específicas para cada tipo de público, que tornam inteligíveis os conteúdos expositivos a todas as faixas etárias. Neste âmbito, é fulcral a importância das actividades de Serviço Educativo que vêm sendo desenvolvidas no Museu, as quais muito contribuem para o divulgar e diversificar o público visitante. Na sua acção inclui-se a tentativa de sensibilização dos diversos públicos em relação às necessidades do ambiente museológico, procurando formar os visitantes no sentido de um “saber estar” que se revela fundamental para a salvaguarda dos bens do Museu.

A realização do Plano de Conservação Preventiva nesta fase tão evolutiva do Museu de Santa Maria de Lamas deve ser vista como uma orientação, presente e futura, no sentido da melhor conservação possível do espólio do Museu. Realçamos no entanto a actual incapacidade do mesmo na execução de alguns parâmetros que, não obstante, se encontram já nos seus objectivos para um futuro próximo. Por todos esses motivos, acentuamos que o presente Plano deve ser objecto de revisão periódica, sobretudo sempre que sejam alcançados objectivos determinantes para

toda esta realidade museológica (como serão, por exemplo, a recuperação da Sala da Cortiça e área adjacente, a futura reabilitação das salas de exposição presentemente encerradas ou a possibilidade de aquisição de mais meios de monitorização e controle termohigrométrico).